CONTOS III

Organização

Deusa Silva
Jan Santos

JOVEM ESCRITOR

Contos III

Organização
Deusa Silva
Jan Santos

JOVEM ESCRITOR
Contos III

Fundação Matias Machline
Biblioteca Kuk Sang Song
Manaus-Am - 2025

© Copyright Biblioteca Kuk Sang Song, 2025

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada ou reproduzida, por quaisquer meios, sem o prévio consentimento do autor.

Revisão
Jan Santos

Projeto Gráfico
Lícia Belém Fernandes Gonçalves

Design da capa
Italo de Barros Gonçalves

Diagramação
Lícia Belém Fernandes Gonçalves

Ficha Catalográfica
Fundação Matias Machline
Biblioteca Kuk Sang Song
Beatriz Guerreiro – CRB11/1231

S586j Silva, Deusa (org.)
Jovem Escritor: contos III / Organizadores Deusa Silva, Jan Santos.– Manaus: FMM, 2025.
158p.; il. color.; 21cm

1. Poemas amazonenses. 2. Crônicas amazonenses. 3. Literatura amazonense. I. Título. II. Santos, Jan.

CDU: 821.134.3(811.3)-1+9

“uma ideia desenvolvida e colocada em prática é mais importante do que uma ideia que existe apenas como ideia”

Buda

Dedico

a todos os envolvidos no resgate do projeto Jovem Escritor e aos alunos pela concretização na edição do livro.

Agradecemos

a Deus
as nossas famílias
à Fundação Matias Machline
ao Sung Un Song
ao prof. Jandir Santos

Prefácio

Quando se é uma criança ou um adolescente criado na periferia, tendo estudado a vida inteira em escola pública, a expressão "perspectiva de futuro" não é algo recorrente no vocabulário. Sente-se, na verdade, medo. Medo do futuro, medo de não ser ninguém, medo de decepcionar a avó que sai de casa às 5h da manhã para limpar banheiros de escolas, tudo por você. E assim, aos 13 anos, você já se consome em medo e ansiedade. Porém, a esperança é a única coisa mais forte que o medo, como disse Suzanne Collins em um dos meus livros favoritos. E a Fundação Matias Machline foi o farol da minha esperança, dentro de uma escola municipal de um bairro pobre e periférico de Manaus.

"Dando asas aos que querem voar" — foi o que ouvi quando me apresentaram a Fundação. E eles fizeram muito mais do que dar asas a um garoto que sonhava em voar.

A educação é transformadora, e foi assim que me vi, um dia, sentado na biblioteca da Fundação, com centenas de exemplares de todas as obras imagináveis. Ali, tive alguém que segurou minha mão e acreditou que as vozes que gritavam na minha cabeça poderiam se tornar as páginas de um livro. Carolina Maria de Jesus disse uma vez, que o que ela sempre invejou nos livros foi o nome do autor, e naquele momento, ela podia ler seu próprio nome em um dos maiores livros que a literatura brasileira teve o privilégio de ter.

Dostoiévski ensina que "o mistério da existência humana não reside apenas em se manter vivo, mas em encontrar algo pelo qual viver". Na literatura, muitos como eu encontraram algo pelo qual viver. E, graças a duas professoras de português que mudaram minha vida, o neto de uma auxiliar de serviços gerais e de um porteiro tornou-se licenciando em Letras na Universidade Federal do Amazonas. É isso que a esperança faz. É isso que o Jovem Escritor faz. E é isso que a Fundação Matias Machline faz. É assim que cada professor que pisou nessa escola "mudou o Brasil: uma aula de matemática de cada vez". Obrigado por esse ensinamento, professor Cássio Galery.

Ao ler os contos presentes neste livro, tive o prazer de adentrar, ainda que por algumas páginas, as mentes de jovens brilhantes e inspiradores. Cada palavra, feita com tanto carinho por tantas mãos e tantos corações, me inspira cada vez mais — e eu espero que possa inspirar cada um de vocês. Parafraseando Elias José, o volume 3 da obra "Jovem Escritor" tem "asas longas e leves, que de repente levam a gente longe, longe". Há, em cada um desses contos, sonhos, almas, amores e dores que os estudantes escolheram compartilhar conosco nesta linda obra, neste lindo projeto. E, como dizia Clarice Lispector, "não sei escrever, só sei ter vontade. E a vontade é tão forte que ela inventa a escrita. E o leitor, com sua vontade de ler, inventa a leitura".

Carlos Eder

Egresso da Fundação Matias Machline, formado no curso técnico de Eletrônica, licenciando em Língua e Literatura Portuguesa.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 15
Tic-tac 19
Facínora da modorra 25
Você lembra? 29
Acusações 33
Förbannad skog 37
O som da porta 41
Agonia 45
O som na porta 55
Concepção e Verdade 59
Eu quero 65
A cura que me quebrou 91
Guarda-chuva 93
A sombra de Odin 99
A última decisão 107
Em busca de redenção 111
A caminho da casa de campo 119
Amar-te-ei 131
O olho mágico 135
A verdade que ninguém vê 141
O fim das lembranças 149
Silêncio na Rua de Terra 153

APRESENTAÇÃO

Em 2024, quando trouxemos o projeto Jovem Escritor de volta, tínhamos a esperança de que servisse como uma fagulha criativa para os estudantes da Fundação Matias Machline. Tínhamos a certeza de que, com o tempo, tudo daria certo e veríamos muitas histórias nascendo, mas o volume que o leitor agora segura nos provou errados.

Acontece que não serviu como uma fagulha, mas como um verdadeiro incêndio. Em 2025, foram tantos textos produzidos pelos participantes que não couberam apenas em um único volume, como no ano anterior, mas em dois. O que você tem em mãos se trata da produção bem-sucedida de estudantes que, mesmo com um número considerável de disciplinas para darem conta, encontraram espaço em uma agenda apertada para que a Musa lhes sussurrasse aos ouvidos.

Considero uma vitória fazer com que adolescentes tenham seu primeiro contato não apenas com o mundo da leitura, mas também com o universo da escrita, pois assim se tornam leitores ávidos e produtores ativos na cena cultural local.

Tem uma coisa muito bonita em ver jovens inventando narrativas a partir de suas alegrias, dores e medos, pois sei que conheceram outra possibilidade de existir no mundo, uma que só a Arte pode nos dar. Assim, recuperamos parte do controle sobre a própria vida, e é meu mais

sincero desejo que meus alunos descubram uma verdade desconhecida para a maioria dos adultos:

Eles podem escrever a própria história.

Jan Santos
Escritor, professor e um dos coordenadores do projeto Jovem Escritor

JOVEM ESCRITOR

Tic-tac

Adrielly Dâmaris Ferreira Gomes - 1EMBB

18 de Abril

Terça-feira, 6am. Despertei alto como de costume com a intenção de acordar todos da casa.

Escutei alguns resmungos da moça ainda na cama com os cabelos emaranhados e passando a mão no rosto, mas não demorou muito para que sobrasse apenas eu, pelúcias e livros na estante, esperando por algumas horas a minha menina.

12pm. De repente a porta se abriu e entrou a bela moça de cabelos negros e olhos entediados. Logo atrás dela, uma bola de pelos abanando o rabinho, pedindo carinho com os olhos e pulando em seu colo.

A menina se jogou em cima de várias almofadas no colchão e encarou o teto por certo tempo enquanto acariciava o cão. Não demoraria muito para eu lembrá-la novamente do horário: 1pm, tomar seus remédios. Não seria incômodo lhe tirar a atenção agora?

Talvez. Talvez fosse, mas ainda sim, algo em seu olhar pedia por uma interrupção.

Bati.

A menina então retornou à realidade, levantou-se, pegou o pote de comprimidos e virou um.

19 de Abril.

Sábado, 9am. Acordei novamente, mas dessa vez milagrosamente a garota já estava de pé e me aquietou depressa. Pegou o celular e rodou aquela tela por horas incansáveis.

Inúmeros padrões inalcançáveis e irreais de garotas posando para a câmera, e ela observava tudo como uma menininha encarando uma Barbie que não pode ter, ser.

12pm. Como era possível entrar nesse transe por tanto tempo? Uma voz adulta e feminina gritava de fora daquele cômodo, chamando-a para almoçar. Pude perceber o desânimo da garota com o convite, mas ainda assim se levantou e saiu do quarto.

Quando voltou, foi imediatamente encarar-se no espelho. Observou seu corpo de vários ângulos e seu rosto demonstrava nojo de si mesma.

Com passos lentos, se direcionou ao banheiro.

Ela sabia.

Sabia o que devia ser feito para ser que nem elas.

Aquelas ridículas garotas da tela do celular.

Então fez.

Fez para não ouvir os mesmo comentários desnecessários da mãe. Fez porque ninguém a observava.

Ninguém sequer se importava.

Saiu do banheiro, virou mais um comprimido, sorriu infeliz e se deitou.

23 de Maio

Acabou.

Não existia mais ligações diárias.

Presentes, chocolates, flores.

Nem aqueles cabelos cacheados que apareciam de madrugada na janela do quarto.

A garota não chorava, não.

Não tinha sua vista embaçada.

Não enxergava nada.

Até porque entre ligações e ligações, eu a escutava dizer que ele era tudo pra ela, e que só tinha olhos para ele.

Mais uma preocupação surgia então.

Por que não ela? Porque não eles? Ela era muito desgrenhada? Alta? Gorda? Feia? Porque ela nunca seria a opção certa pra alguém?

24 de Maio
6am, apenas me calou e dormiu.
1pm, hoje virou dois comprimidos.
3pm, sorvete e televisão.

Assim também foi dia 25, 26, 27, 28...

2 de Junho

Hoje acordei sem sequer meu alarme tocar.

Os gritos que provavelmente vinham da cozinha me despertaram. Podia identificar uma voz de choro e raiva, era definitivamente minha garota tentando de alguma forma se proteger dos ataques da mãe.

Escutei um som alto que estalou pela casa e um gemido de dor da menina que em poucos segundos entrou no quarto e bateu a porta com agressividade, trancando-a em seguida.

A garota soluçava no tapete do quarto.

11pm. Naquela hora, não havia ninguém em casa, apenas eu e a moça. Ela sabia disso.

Gritou, se esgoelou.

Os olhos mal se abriram de tão inchados, e no pouco que se enxergava deles, percebia-se que estavam completamente vermelhos.

Socava seu travesseiro com a fronha encharcada.

E, em pé chorando com a respiração fora de ritmo, encarou o pote de remédios. Naquele momento, eu percebi o rumo que aquilo tomaria. Ela virou o pote de comprimidos e em alguns segundos pareceu engolir todos eles, não sei dizer quantos passaram pela sua garganta. Virou-se em minha direção e, pela primeira vez, senti que olhou verdadeiramente pra mim.

Era uma despedida.

Fechou o punho e inúmeros cacos de vidro se espalharam pelo chão do quarto, alguns sujos com o sangue das feridas que se formaram nos seus dedos.

Todos os segundos, minutos, horas que já contei eram irrelevantes. O tempo não podia para-lá, apenas a falta dele.

Esse tempo apenas a mantinha ainda comigo.

Era como se ela já soubesse.

Era insuportável se torturar.

O tempo parou.

Os ponteiros estagnaram.

Senti todas as minhas engrenagens pararem de funcionar. Ali, naquele tapete, ela se sentou e usou da minha dor para estimular a sua. O suor entrava nos cortes.

As mãos tremiam.

Os soluços mais descontrolados

Então percebi, *ela é tão frágil quanto eu.*

Em certo momento, já não tinha forças para manter os olhos abertos.

Ela se deitou naquele tapete ensopado e completamente vermelho, ainda com a respiração descontrolada, aos poucos desacelerando. O silêncio se instaurou entre aquelas quatro paredes, e seu corpo aparentava pálido e inchado.

Novamente, apenas eu, pelúcias e livros na estante.

Quantos segundos já se passaram?

Escutei fortes pancadas contra a porta, que caiu no chão do quarto. Vozes desesperadas e passos rápidos em ligações enquanto chacoalhavam o corpo da menina.

A minha menina.

Uma criança no corredor segurava o cachorro enquanto chorava horrorizada. Quantos minutos já se passaram?

Não tinha mais pelúcias ou livros na estante.

E apesar de tudo, gritos ainda se espalhavam pela casa. Infelizmente, não mais com a voz suave que eu gostaria de escutar. Ou, talvez felizmente, ela estava livre daquele inferno.

Frequentemente, retiravam um móvel por vez dali.

Com que frequência? Não sei.

Quantos dias já se passaram?

Ainda doía em mim.

Todos parecem superar com o tempo.

Mas afinal de contas, *quanto tempo já se passou?*

Facínora da modorra

Alyce Livas de Sá Figueiredo - 1EMAB

Aquele odor me encantava tanto quanto aquela sensação. A precisão de cada movimento me anestesiava, como se eu pudesse sentir cada um de meus nervos se desligando da realidade e se perdendo em um sonho.

Toda aquela hipnose só foi embora quando meus olhos se abriram. O relógio da cabeceira marcava 03:17 quando fui acordada por uma ligação... do trabalho?

— Já faz mais de 3 meses que eu me aposentei, Marta. Vocês já não possuem peritos decentes o suficiente pra me substituir? — disse, enquanto tentava me aconchegar mais nas cobertas da minha cama.

— É sobre o seu pai. Fui chamada para uma cena de crime muito parecida com a dele. Você sabe... mesmo modo operante, mesma assinatura. — respondeu Marta, juntamente às sirenes de um carro policial do outro lado da ligação. — Estamos a cinco quarteirões da sua casa, achei que você gostaria de vir dar uma olhada, Diana.

A quietude do quarto não amparava a confusão na minha cabeça. O choque com a pronúncia de cada palavra conseguiu me agonizar como nunca antes.

— Estou a caminho — foi a única coisa que consegui responder depois de certo tempo submersa em meus pensamentos e arrepios.

A brisa gelada que vinha da janela do carro não foi o suficiente para me distrair da cena que se repetia na minha cabeça há mais de 25 anos. Não havia nada que me afastasse da visão do rosto vazio do meu pai na noite do seu ho-

micídio. Sua expressão, seus olhos e sua vida se foram tão rápido quanto o ar que dançava pelo meu rosto.

Estacionei o carro diante da fita policial e, por um momento, só fiquei ali, os dedos apertando o volante, tentando controlar a estranha sensação que abraçava meu âmago. O cheiro de terra molhada misturado a um odor metálico no ar preencheu meus pulmões quando finalmente saí. O instinto profissional me guiava, mesmo depois de meses afastada da perícia.

— Diana, por aqui! — gritou Marta enquanto acenava do outro lado do monte de pessoas que se formava naquele perímetro.

Um vinco de dúvida permeado em minha testa me acompanhava com empurrões e sussurros enquanto tentava atravessar a plateia. Marta me esperava próxima aos outros profissionais da perícia. Seus olhos transmitiam toda a lembrança de nossa amizade, junto de algo mais que não soube descrever.

Mesmo com todo o cansaço de uma noite de sono interrompida, meu corpo saiu do transe quando visualizei o que me esperava. Na calçada, havia um homem deitado, frio e pálido como um fantasma. Qualquer um que passasse poderia facilmente dizer que ele estava em um descanso tranquilo, se não fosse por dois abismos em suas órbitas oculares e pelo único corte profundo na garganta.

Senti um arrepio repentino e uma vertigem que me fez piscar rápido. Algo sobre aquela cena me parecia... familiar demais. Mas não havia razão para isso. Não havia como.

— Está tudo bem? — Marta perguntou, sua mão quente pousando firme no meu ombro e me tirando do meu torpor.

Assenti com a cabeça, sem saber como explicar aquele desconforto repentino. Havia um sentimento estranho que eu não pude nomear.

Ele foi o primeiro de muitos outros que vieram a seguir, todos da mesma maneira: um homicídio silencioso causado por um corte fatal e assinado com poços escuros no lugar dos olhos das vítimas.

A semelhança entre os casos era intrigante. A frieza meticulosa, o padrão dos corpos, o jeito preciso que os corpos eram deixados e — o principal fator — a ausência de qualquer vestígio ou digital, o que não levava a lugar nenhum. Em todos esses anos de carreira, a perícia jamais fora tão absurda.

A noite tinha se tornado minha pior inimiga. O sono era irregular, fracionado, composto por sonhos confusos — sombras que se moviam na escuridão, flashes de vermelho e um vazio familiar que engolia tudo e me aconchegava do mesmo jeito que minhas cobertas quando eu era acordada dessas distorções.

Então, veio o erro do assassino.

Na vítima, ele deixou uma pista. Não uma pista qualquer, algo óbvio, escancarado, como um aviso ou um chamado. Um fio de cabelo, enroscado nas unhas do morto.

Já em casa, ajustei meus óculos, sentei à mesa e inclinei a cabeça sobre o imenso relatório e os múltiplos exames. Minha mente estava exausta, meus olhos tremiam de tanto esforço ao imaginar possibilidades e refazer raciocínios e teorias. Finalmente o quebra cabeça se concretizava. Meu maior caso iria avançar.

Depois disso, tudo escureceu.

Meus olhos desfocados e absortos se perdiam entre sonho e verdade. Despertei em um local que não reconheci, sobre um líquido viscoso e quente, imediatamente me colocando em alerta.

Esse foi um dos momentos em que eu quis que tudo fosse apenas um pesadelo, mas não era. Um aroma metálico impregnou o ambiente e eu não entendia por que toda essa atmosfera era tão receptível para mim. Arrepios vagavam por toda a superfície da minha pele conforme as luzes vermelhas e azuis iam se aproximando, acompanhadas do som estridente de uma sirene. Ao meu lado, encontrei um corpo que não me retribuiu o olhar. Não protestava. Não gritava. Não lutava. Porque nunca lutam. Nunca têm tempo para isso. Meu subconsciente brincava comigo da mesma maneira que brinquei com cada um deles.

O espelho à minha direita revelava o autor do crime que eu tentava desvendar há décadas. Lágrimas estavam descendo pelo meu rosto conforme eu compreendia, cercada por uma poça escura a qual não lembro como surgiu. Vozes se aproximavam. Armas engatilhadas. O caso estava encerrado.

Por anos, eu estudei criminosos, suas mentes distorcidas, seus padrões perfeitos. Eu os cacei, os desvendei, os expus. Passei décadas chamando esse assassino de facínora, amaldiçoando sua astúcia, sua precisão e, no final, eu fui o maior caso que já investiguei. O mais brilhante. O mais letal. O mais íntimo. E finalmente, depois de tanto tempo, entendi que meu pai foi só o primeiro corpo. Só a primeira peça. O facínora que cacei me encarava no espelho todas as manhãs. E na modorra das madrugadas, eu atendia ao chamado.

Você lembra?

Ana Vitória Becil dos Santos - 1EMAB

Será que Anny se lembra? Passou-se tanto tempo que talvez, eu devesse desistir? Mas e se eu for lembrá-la, ela ficará com raiva?

Ainda me lembro perfeitamente de quando nos conhecemos. Era meu primeiro dia de aula em uma nova escola, com novas pessoas. Só de lembrar dessa parte já passa um arrepio em meu corpo. Ao achar a sala após tanto procurar naqueles corredores que pareciam não ter fim, adentrei e me sentei nas carteiras ao fundo. Nunca fui uma pessoa social então nunca me importei se eu ficasse sozinho na escola. Porém, ela apareceu.

Enquanto estava de cabeça baixa, ela caminhava na minha direção com um sorriso.

"Oi, nunca te vi pela escola, deve ser novo por aqui. Meu nome é Anny e o seu"?

Essas simples palavras me fizeram ficar mudo, não achei que alguém viria falar comigo.

"Meu nome é Dian", como um sussurro, profiro essa pequena frase.

"Interessante, um nome um tanto incomum. Mas bom, seja bem-vindo, a partir de agora você é meu amigo", falou de uma forma tão animada que apenas acenei a cabeça em sinal de confirmação.

Desde esse dia, ela sempre esteve por perto. Aos poucos, fui aceitando que naquela escola existia alguém que eu pudesse confiar. Fizemos inúmeras coisas juntos. Tantas memórias em apenas um ano, que acabei me apaixonando.

Simplesmente não conseguia mais me ver sem aquele sorriso que alegrava até o dia mais triste, o humor que só ela tinha, personalidade que para os outros parecia agressiva, mas para os próximos era tão delicada.

A cada dia que passava, eu me via cada dia mais caindo no abismo do amor, algo que nunca imaginei que fosse acontecer comigo. Até que um dia, tomei coragem. Decidi me declarar para ela, mas esqueci de algo tão importante que acabou com tudo.

Era um dia normal de sexta-feira como qualquer outro para a escola, mas para mim, tinha um significado a mais. Me lembro como se isso tivesse acontecido agora mesmo, sendo que se passaram alguns anos. Eu estava nervoso, chega minhas mãos não paravam quietas. Assim que soou o fim do último tempo de aula, rapidamente arrumei minhas coisas e fui em direção a Anny, que estava arrumando suas coisas.

"Anny, podemos conversar?", disse em quase em um sussurro, que se ela não estivesse acostumada com isso, talvez nem ouviria.

"Claro, vamos para um lugar mais privado", disse, com aquele sorriso que aquece meu coração de maneira inexplicável.

Começamos a andar lado a lado, em direção a um lugar menos agitado. A cada passo que dava perto dela, meu coração batia rápido como se fosse sair pela boca, minhas mãos estavam tremendo mais do que antes. Ao chegarmos em uma sala vazia, respirei fundo antes de começar.

“Anny, tem uma coisa que gostaria de lhe contar. Um segredo que guardo comigo faz um tempo”, disse de forma baixa, mas o suficiente para ela ouvir.

Ela apenas acenou a cabeça em sinal de que eu prosseguisse no que fosse falar.

“Eu estou apaixonado por você!”, depois que respirei fundo mais três vezes, consegui dizer essa pequena frase.

Ao olhar para ela, percebi o choque em seu rosto, e depois de alguns segundos, começou a encher de lágrimas seus tão lindos olhos azuis. Fiquei sem reação.

“Como você pode esquecer?”, disse, com a voz embargada que fez meu coração apertar. “Você tinha prometido... disse no fundo dos meus olhos que nunca quebraria a nossa promessa”.

Promessa…

No momento em que me declarei, quebrei aquilo que eu mais tinha dito a mim mesmo que jamais quebraria. Fiquei sem palavras, meu corpo pareceu travar, comecei a abaixar o olhar ao vê-la correr em direção à porta. Depois desse dia, ela começou a me ignorar tanto na escola quanto fora. O que mais doeu foi que quando eu descobri que ela tinha ido embora do país após uma semana depois do ocorrido.

Afinal, o que tinha de tão importante naquela promessa? Por que ela foi embora sem que deixasse eu me explicar? Só sei que nunca mais a vi, e agora ainda fico me remoendo sobre o passado. Se eu não tivesse me declarado, será que ela ainda estaria do meu lado?

Isso é algo que jamais saberei. Apenas queria uma chance para me explicar, afinal como um bobo apaixonado

iria se lembrar da promessa? Queria que ela nunca tivesse existido. Que maldição de promessa! Como ela conseguiu fazer com que eu prometesse que nunca me envolveria com ela, além de amizade?

Agora, o que me resta é apenas ter a esperança de que um dia eu possa ver Anny novamente. O que está cravado na minha mente desde aquele dia é nunca quebrar ou esquecer uma promessa, não se sabe o porquê de ela ter sido proposta.

Sempre pense no seu próximo passo com cuidado, nunca se sabe o que pode acontecer depois dele.

Acusações

Anna Clara Teixeira - 1EMBA

Tudo começou em um mês consideravelmente normal. Emily passeava pela floresta procurando algumas ervas para começar a produção de novos remédios. Sempre fazia o mesmo caminho, pois já sabia onde se encontravam certas plantas, como a tanchagem — usada para cicatrização de ferimentos — e o milefólio, que serve para estancar sangramentos.

Durante seu percurso, além de colher todas as ervas que precisava, também observou outros tipos de plantas, algumas que ela nunca tinha visto ou ouvido falar. Obviamente, não as colheu assim que as viu, pois o risco de serem venenosas era grande. Em vez disso, observou atentamente as plantas de seu interesse e guardou a imagem delas na memória, planejando pesquisar mais quando fosse à praça central.

Ao voltar para casa, deparou-se com um homem caído no meio da trilha. Sua blusa branca estava manchada com uma grande quantidade de sangue. Emily ficou com medo de se aproximar, pois aquele local era conhecido por ser perigoso e cheio de ladrões — poderia ser uma emboscada. Mas a curiosidade falou mais alto, e a moça se aproximou do desconhecido.

— Senhor? — disse, aproximando-se e verificando o pulso do homem para ver se ainda estava vivo. Surpreendentemente, ele ainda tinha batimentos cardíacos e seu peito se movia.

Sem saber o que fazer, sua única reação foi correr até sua casa e chamar a ajuda de seus irmãos, que não gosta-

ram nada de saber que Emily havia se aproximado de um desconhecido. A princípio, foram contra a ideia de trazer o homem ferido para casa apenas por estar machucado. Porém, a jovem insistiu, tentando convencê-los com palavras como: "Uma pessoa pode morrer por conta da frieza de vocês" e "Não importa, ele está ferido".

Mesmo ainda desconfiados, os irmãos seguiram Emily até o local onde o homem estava. Ao chegarem, viram que a situação era realmente grave.

— Tem certeza de que ele ainda está vivo?

Sem demora, carregaram o ferido nos braços até a casa. Lá, o colocaram sobre um "colchão" feito de palha. Rapidamente, Emily preparou um medicamento para estancar o sangue que escorria em abundância, enquanto um de seus irmãos tentava limpar o corte. Aplicou o remédio na ferida aberta e improvisou uma atadura com alguns panos velhos.

Durante o resto do dia, Emily tentou convencer o pai a permitir que o homem ficasse ali até se recuperar, mesmo ele ainda estando inconsciente.

— Ele pode ficar, mas assim que melhorar, não quero ver nem sombra dele! — decidiu o pai.

Passaram-se dias até que o homem finalmente acordou. Estava muito grato por ter sido cuidado por Emily — graças a ela, ainda estava vivo. Mesmo consciente, ainda não estava totalmente recuperado, então permaneceu na casa por muitos dias.

Durante esse tempo, aproximou-se muito da jovem, chegando a nutrir sentimentos amorosos por ela. Contudo, Emily não sentia o mesmo. Chegou a pedir sua mão

em casamento, mas a resposta da moça não foi a que ele esperava.

Ao se recuperar, despediu-se e partiu. Ainda assim, não conseguia tirar a jovem ruiva dos pensamentos. Enfurecido pela rejeição e não aceitando que ela pudesse pertencer a outro alguém no futuro, dominado pela fúria, denunciou Emily à Igreja Católica, alegando que ela praticava bruxaria.

Por ser considerado um homem de alto nível social e fiel à fé, suas palavras foram ouvidas sem questionamento. A Igreja Católica não hesitou.

Naquela mesma noite, a humilde casa da ruiva foi invadida por "cidadãos de bem" e guardas armados. Ao ouvir a gritaria do quarto, Emily saiu em busca dos pais e irmãos para entender o que estava acontecendo. Porém, antes que pudesse reagir, ouviu a porta sendo arrombada.

— ONDE ESTÁ A BRUXA?!

Para Emily, o tempo parou. Mal percebeu que era puxada pelos cabelos para fora da casa. Os cidadãos estavam tão revoltados que a espancaram durante o caminho até a prisão. A bela face da jovem refletia toda a dor que sentia naquela situação.

Foi torturada por dias, até que, sem ver outra saída para acabar com o sofrimento, confessou ser uma bruxa — uma mentira. Ela já sabia qual seria seu destino. Havia ouvido falar de outros casos como o dela.

Sabrina, acusada de bruxaria pelo próprio marido por não conseguir gerar um filho. Lia, filha de um comerciante rico, denunciada por se recusar a casar, mesmo com muitos pretendentes.

Margarida, acusada de praticar bruxaria quando, na verdade, apenas preparava um remédio para aliviar cólicas menstruais.

O destino de Emily não foi diferente. Foi queimada em praça pública junto das outras mulheres também injustamente acusadas.

Förbannad skog

Arthur da Costa - 1EMAD

Hemligheterville, a cidade misteriosa, a cidade da família perdida, a cidade que foi engolida pela mata, a Förbannad skog, a floresta dos grandes tormentos. Contam relatos que, ao passear perto das geladas florestas, pode-se escutar gemidos e gritos de socorro daqueles que foram pegos pelos 13 Yules...

— Buuuuuuuu!!! — disse Johan tentando assustar seus amigos.

— Isso é sério, Johan. Você nos chamou até aqui só pra contar historinha de ninar?! Qual é, né? Achei que teria uma festinha entre nós! — questiona Scott com um tom meio irônico.

— Pois é, o Scott tem razão. Quando vamos começar? Já tá ficando tarde e nada? — pergunta Keith, impaciente.

— Cara, se fosse só pra ficar escutando história e dormir eu ficava em casa — afirma Ciúne, meio desapontada.

— Tá tá, já vamos começar pessoal aeeeeê! — exclama Johan enquanto ligava o som.

Todos do salão de festa começaram a se divertir freneticamente. E que festa! Um monte de bebida, música e ninguém além deles. A única coisa que atrapalha é essa neblina que começou a se formar. Ah, uma neblinazinha não vai atrapalhar em nada.

— Ei pessoal, bora fazer uma brincadeira aqui, vai ser um esconde-esconde: quem for pego, vai ter que fazer qualquer coisa que quem achou quiser. Eai bora?! — propõe Johan com um sorriso malicioso.

— Por que não, não é!? — diz Scott, olhando para Keith.

Todos concordam com a ideia sem se importar com a nevasca piorando.

— Ok, então eu começo: 1, 2, 3, 4, 5... — conta Johan, enquanto todos se escondem.

8 horas para o fim do solstício de inverno.

Johan sai a procurar todos os 10 presentes na festa, começando pela cabana dos amantes.

O caminho fica cada vez mais difícil de seguir por causa da neblina, mas nada que afete a grande vontade de encontrar e assustar seus amigos.

Enquanto caminha, começa a ouvir barulhos estranhos como se algo se aproximasse, mas ele não liga muito pois já conseguiu encontrar a cabana.

Invadindo rapidamente, vasculha todo o lugar, até que sente algo estranho, como se estivesse sendo observado, mas novamente não liga muito e volta a procurar. Por fim, acha alguém: era sua irmã, Maise.

— Ha! Te encontrei, sua come merda. — fala estridentemente Johan.

— Tá, você achou. Droga, o que eu vou ter...

Ela é interrompida por um grito avassalador vindo da cabana principal, parecia a voz da Keith.

— O que foi isso? — pergunta Maise, preocupada.

— Não sei, mas vamos lá ver!

Eles então saem de lá direto pra cabana principal, mas ao voltar, veem marcas de pegadas estranhas e ouvem mais gritos, que os fazem acelerar o passo.

Porém, ao chegarem perto, veem que o local foi invadido. As janelas estão todas destruídas.

No chão, várias poças de sangue. No canto, seguindo gemidos de dor, encontram Keith muito ferida.

— O que aconteceu aqui, Keith? Cadê os outros? — pergunta Johan, preocupado.

— Não sei! Acho que... aquelas coisas pegaram eles... aaaaaaarrrgh — diz Keith, agonizando no chão.

— Que coisas? Do que você está falando? — pergunta Maise.

— A fa... família... — fala Keith, com suas últimas forças.

— QUÊ??? Como assim? Keith... fala, por favor! — quase chorando, Maise pergunta para o que foi sua amiga estirada no chão.

6 horas para o fim do solstício de inverno.

Após isso, eles saem do lugar apavorados e começam a procurar na floresta pelo resto de seus amigos.

Ao adentrar a grande floresta, escutam o barulho de crianças e galhos quebrando. Andam, andam e andam até que, ao parar um pouco, Johan olha para o horizonte e vê um morro estranho. Ele não estava ali quando eles chegaram de manhã, e ao olhar com mais atenção, percebe que não se trata de morro algum: é um lobo enorme que os observa provavelmente desde que entraram na floresta. Desesperado, ele corre, deixando Maise para trás.

Aqueles barulhos ficam piores, até que se transformam na voz de cada um de seus amigos, que pedem socorro aos prantos. Eram tantos sons que ele não viu o barranco surgir e engoli-lo.

3 horas para o fim do solstício de inverno

Após muito tempo, ele acorda confuso.

Andando um pouco, ele encontra casas e prédios no meio da neblina. Esperançoso, corre para procurar alguém, mas não encontra nada além de casas vazias e bastante bagunçadas.

Sem esperança, segue a estrada até achar uma placa que dizia bem assim:

Hemligheterville a 200 metros.

Depois de ler, percebeu que a cidade não estava vazia, e sim cheia de todos aqueles que foram pegos por eles: a família Yule.

Johan entra num estado de choque ao ver a si mesmo preso na cidade e quando olha ao redor, encontra criaturas de tamanhos diferentes com olhos e sorrisos sórdidos, dedos pontiagudos como facas afiadas, tão afiadas que nem as sentiu quando eles começaram...

O som da porta

Bryan Rafael Duarte de Azevedo - 1EMBB

Era uma casa comum, numa rua esquecida. Esquecida de propósito, diziam alguns. Uma daquelas vielas que não apareciam nos mapas mais novos e que os aplicativos de navegação insistiam em evitar. A rua se curvava de forma estranha, como se a própria cidade estivesse tentando empurrá-la para longe de sua memória.

A casa ficava no final, isolada, envolta por árvores secas que nunca perdiam as folhas, mas também nunca pareciam vivas. As janelas estavam sempre fechadas, cobertas por cortinas pesadas e encardidas. O portão enferrujado rangia mesmo sem vento. Ninguém sabia ao certo quem foi o último morador. Apenas diziam que, depois da meia-noite, ouvia-se uma porta bater — mesmo que todas estivessem trancadas.

Lucas era um jovem cético. Estudante de arquitetura e apaixonado por estruturas antigas, ele via beleza onde os outros viam ruína. Quando criança, adorava desmontar brinquedos só para entender como funcionavam. Agora, com vinte e três anos, sua curiosidade se voltava para edifícios antigos, casarões abandonados, igrejas esquecidas. Colecionava fotos, esboços, anotações. Seu caderno era um diário visual de decadência — mas também de fascínio.

Foi a avó de Lucas quem lhe contou pela primeira vez sobre a casa da Rua do Carmo. Naquela época, ele ainda era adolescente e apenas achou a história curiosa, um folclore urbano de bairro, mas a lembrança voltou com força quando a avó adoeceu. Nos seus últimos dias de lucidez, se-

gurou a mão de Lucas com firmeza e sussurrou, com olhos fundos:

— O problema nunca foi a porta que bate... e sim quem a abre.

Essas palavras não o deixaram em paz, como se plantassem uma semente incômoda na mente. Quando ela faleceu, Lucas sentiu que lhe devia algo. Uma explicação, talvez. Uma resposta para o enigma.

No sábado seguinte ao enterro, ele decidiu ir. Levou uma lanterna potente, uma câmera digital e seu inseparável caderno de esboços. Chegou antes do anoitecer, registrou imagens da fachada, da estrutura, do madeiramento das janelas. A casa, embora gasta pelo tempo, ainda sustentava certa imponência. A porta da frente cedeu com facilidade. O interior exalava um cheiro agridoce de mofo e madeira úmida. Rangidos por todos os lados. O teto alto parecia oco, como se escondesse algo entre as vigas.

Os cômodos estavam vazios, exceto por móveis cobertos com lençóis encardidos. Cada passo que Lucas dava produzia um estalo nas tábuas do piso. Anotava tudo: o tipo de madeira, a altura das portas, o estilo dos arcos. Enquanto desenhava, o silêncio parecia observar.

À medida que a noite avançava, o ar ficava mais frio. Lucas jurava sentir correntes de vento de onde não havia janelas. Algumas portas pareciam se mover sozinhas, mas ele sempre achava uma explicação lógica: dilatação térmica, pressão do ar. Ria de si mesmo, um pouco tenso.

À meia-noite em ponto, a porta do quarto dos fundos bateu com força. Um estalo seco, violento, como se alguém a tivesse fechado com raiva. Lucas correu até lá. A porta

estava trancada por fora. Ele puxou a maçaneta, mas ela não cedia.

Riu, nervoso.

— Correntes de ar… — murmurou.

Mas então, algo estranho aconteceu. A porta que ele tinha acabado de examinar abriu-se sozinha, devagar, com um rangido longo, prolongado, como um gemido. No escuro além dela, algo se movia. Um vulto. Algo que não tinha forma, mas fazia som. Passos. Lentamente, avançando.

O ar ficou gélido. Lucas deu dois passos para trás. A porta do corredor atrás dele se fechou com estrondo, fazendo as paredes tremerem. Agora, ele estava preso.

Tentou usar a lanterna, mas a luz falhava. Cada feixe que piscava parecia revelar rostos fugazes nas paredes, sombras que se dissolviam. De repente, vozes sussurravam por todos os lados — palavras confusas, repetidas em línguas que ele não reconhecia. Algumas pareciam ecoar do teto, outras subiam do assoalho. Vozes finas, vozes roucas, vozes infantis.

— Isso é uma brincadeira…?! — gritou, mas ninguém respondeu.

O vulto agora estava mais próximo. Uma presença esmagadora. O chão parecia pulsar sob seus pés, como se tivesse um coração enterrado sob as tábuas. E então, ele ouviu algo que gelou seu sangue: uma batida seca. Como madeira contra madeira. Exatamente o mesmo som que ouvira ao chegar.

A porta atrás dele... tinha se aberto.

Lucas virou-se lentamente — e viu a si mesmo parado na porta.

Era ele... mas não era.

O reflexo o encarava com um olhar vazio, como se não houvesse alma por trás dos olhos. O "outro" Lucas avançou sem hesitar, atravessando-o como sombra atravessa a luz. Lucas sentiu o corpo congelar. Um grito preso, os músculos rígidos.

Na manhã seguinte, a casa estava em silêncio.

Alguns moradores disseram que ouviram uma porta bater.

Mas desta vez... ninguém a abriu.

Agonia

Carlos Eduardo Pantoja de Araújo - 1EMAB

Eu atualmente estou em casa comendo um pão quente que eu mesmo fiz, o ventilador parece refrescar minha alma após aquela tarde de aula escaldante. Minha mãe está no quarto, mexendo em seu celular consumindo... sei lá o quê.

A sujeira do prato não é um grande problema, mas encontrar o banquinho para subir até a pia, é. Os degraus parecem nunca terminar, a escada possui degraus altos que me deixam sem fôlego, mas o som de vídeos curtos cada vez mais alto me faz perceber que estou perto do topo.

O barulho de minha bolsa no chão não é alto, mas a bagunça do meu quarto me faz lembrar de que terei de arrumar em alguma hora. O esforço de transcrever as atividades do livro para o caderno me faz querer desistir, não parece haver um fim. Atualmente são 18:00, a cama parece me engolir de tanta preguiça que sinto, eu poderia simplesmente desistir e fazer durante a aula, mas o medo de minha mãe ser chamada por não conseguir entregar a tempo é maior.

Sinto preguiça até de andar, mas tenho noção que preciso ajudar minha mãe em casa. Não consigo recordar o nome da doença, mas eu sei que o sabão em pó me faz espirrar em cima das roupas, meus dedos roídos ardem com o sabão, mas sei que necessito lavar. A cada roupa, o ritmo diminui com os meus dedos já enrugados com os movimentos de esfregar as peças contra o tanque.

Mesmo com o banquinho, é preciso se esticar para estender as roupas, o cheiro salgado do suor me dando ânsia de vômito enquanto a farda do governo gruda no meu corpo. Todo o esforço valeu a pena para poder sentir a água gelada correndo pelo meu corpo, que relaxa com o frio enquanto a pequena peça de sabão é esfregada contra a pele.

O barulho da cafeteira ligada me faz correr alegre para a cozinha, o calor do corpo da minha mãe enquanto abraço sua cintura me deixa alegre e o gosto amargo do café escaldante anestesia minha garganta sensível. Minhas pernas fraquejam ao subir a escada, eu me pergunto quanto mais afazeres eu terei de fazer até poder finalmente descansar.

O horário já não importa mais, o que importa atualmente são os gritos de minha mãe mandando arrumar meu quarto. O banho parece ter sido irrelevante, o suor novamente cobre meu corpo junto de seu odor salgado durante a noite abafada enquanto os sons dos vídeos de mamãe estão mais altos que antes.

Meu corpo está cansado, as pernas estão bambas e ainda terei de arranjar algo para comer. A vontade de simplesmente ir dormir é grande, mas sei que não terei forças para fazer meu próprio café da manhã amanhã. O fogo me fez recuar levemente, mas enfrento de frente em prol da minha sobrevivência: três miojos é o bastante para eu e mamãe comermos.

Já é tarde da noite. Tomar banho está fora de cogitação, minha mãe não me permite tomar mais de dois banhos por dia com medo da conta de água. A cama se conforma ao meu corpo e eu me aconchego em meu tra-

vesseiro. Pouco importa se vou entregar ou não a tarefa, eu sei que preciso descansar.

Durante a noite, me viro em meu travesseiro, para a parede, e continuo rolando pela cama, uma tosse seca cobre o silêncio do quarto. O desejo de descansar foi facilmente vencido pelo medo da bronca, o som do lápis é a única coisa que se pode escutar naquela madrugada junto da tosse seca. A atividade era simples: fazer uma árvore genealógica e descrever os membros da família. Eu finalmente tinha completado todos os membros, só faltava meu pai.

Não consigo recordar algo sobre meu pai. A única coisa que eu sei é que ele não está mais comigo e minha mãe, tentar lembrar sobre ele faz minha cabeça doer. A busca pelo meu quarto tinha iniciado, espirros frequentemente ocorriam durante a procura pela foto de meu pai no meu guarda-roupa, não havia nada além de roupas e cartinhas no fundo do móvel. Como se algo tivesse preso na garganta querendo sair, com os olhos já quentes e com lágrimas se juntando, faço rabiscos onde deveria ser a imagem de meu pai na árvore, enquanto tento lembrar seu rosto.

Os rabiscos mal feitos formavam um rosto não bem definido. O barulho da chuva batendo na laje era o som que predominava, a leve lembrança do rosto daquele homem me fazia querer soluçar. Descrever quem foi meu pai é como mentir em cada palavra, minha cabeça dói a cada mentira que escrevo tentando dar sentido a ele.

Escuto batidas na porta não trancada, meus pés encontram o chão limpo e caminham tentando fazer a madeira não ranger até a porta, minha mão engole a maçaneta gélida lentamente. Não ouso girá-la, evito o máximo de ba-

rulho enquanto recuo lentamente de volta a minha cama. A lua parece ter seu brilho engolido pela silhueta humanoide na janela, que é coberta por um fino véu de pano. Sem ter para onde fugir, decido me esconder.

Minhas mãos esquentam minha boca, não por frio mas por não desejar tossir. O abafado faz meu corpo suar, a madeira do móvel não faz barulho pois a ponta dos meus pés toca suavemente a tábua, as roupas estavam por todo guarda roupa não muito grande. O ranger da porta sobressai o barulho da chuva, passos ecoam por todo quarto, a respiração abafada queima meu rosto enquanto sinto as roupas tocando meu corpo. As mangas longas parecem enrolar em meu braço, o meu corpo suado gruda nas roupas e cada movimento parece me entrelaçar entre elas, minha pele parece gritar por liberdade. Eu olhava para ambos os lados buscando uma salvação que sabia que não ia ocorrer.

Um choro que não podia ser escutado por ele era o que acontecia no momento. Eu oro a Deus pedindo consolo em minha mente, clamando por ajuda e para que essa situação acabe, sem resposta. O alívio após a tosse fez meus olhos quentes escorrerem lágrimas ao escutar os passos vindo até o armário, meu corpo sensível grita como se já tivesse passado por esse terror antes. Os pés buscam algum lugar para se posicionar e fugir, mas sem sucesso. As roupas apenas se embolam mais em meu pescoço, tirando o ar e a esperança.

O som que vibra em minha frente é real, e seu nome era desespero. O som agudo de madeira sendo superficialmente arranhada por algo grande. Meu corpo, que antes tremia, está gélido e mole, não parece haver mais forças

para me manter em pé e o que resta é apenas a falta de ar, apenas as roupas.

Lembro de dizerem para mim: "Faça coisas boas e tudo de bom será feito para você", mas por que tudo de ruim acontece comigo? A madeira range, dando para escutar o barulho cada vez mais longe do armário, o ranger da porta indica esperança. Sair do armário parece impossível, e se ele estiver lá fora? Mas permanecer no armário está fora de cogitação.

O som do meu corpo caindo contra o chão de madeira não foi sutil, a sensação de liberdade foi coberta pelo meu braço dolorido, a poeira que paira no meu quarto me recorda da silhueta que cobria a lua. O fino lençol não podia me esconder dele, e o barulho de choro me apontava, o abafado de minha respiração esquentava meu corpo gelado que sentia os olhares, mas não vê-los era melhor que nada.

Eu novamente recordo de Deus, orando para ele fazer minha mãe acordar com o barulho da minha queda. Se meu choro chegou a Ele, nunca vou saber. O cheiro de enxofre se aproxima de mim, deformando o espaço da cama. O toque em minha coberta anunciava o que eu não queria, ele sabia que eu estava ali.

Um cheiro que me lembrava o pecado foi emitido pelo enxofre, meu corpo já frágil não tem esperanças de fugir, a voz não se encontra em minha garganta para gritar, mas o toque encontra meu corpo. O olho inchado, sem mais lágrimas para chorar, arde pelo enxofre, a dor em meu corpo por conta da mão que o aperta é presente, o som da chuva parece cada vez mais alto como se buscasse abafar minha respiração, que é minha única maneira de pedir socorro.

Meus pensamentos não tomam forma, são apenas folhas em branco rabiscadas inúmeras vezes, pedidos de socorro que não seriam atendidos. Os toques me impedem de pensar e a falta de ar me faz implorar pela vida por todo o momento que parecia nunca acabar. Meu nariz não arde mais com o cheiro ruim, tudo o que resta é uma sujeira que não pode ser limpa em um banho, uma agonia que não cessa com um simples "vai ficar tudo bem".

O cheiro de ferro está presente em meu lençol por causa de meus braços, que buscam se limpar da sujeira que era da alma, meu corpo doído encontra a única coisa que podia abraçar, a parede. Arde como fogo, quente e sem mais lágrimas para chorar, aquilo que eu tinha de mais puro parece ter me deixado, o cheiro ainda está presente em mim, um cheiro que não pode ser dissipado.

Não há estrelas no céu, tudo foi poluído por uma luz que insistem em dizer que é boa para todos. Não há mais chuva e nem mais lua, tudo que há é eu mesmo.

"Você entende... que a culpa é toda sua, né?", dizia a voz infantil com lágrimas presa em sua garganta e com temor.

A voz que deseja responder não sai. Se a resposta que Deus tinha para minhas orações é me acusar, eu nunca deveria ter questionado. Me estende a mão, mas eu não desejo sujá-la. Se eu sou o culpado, ela é a vítima.

"Você prefere acreditar nessa mentira ou acreditar em nós?", disse a vítima, cujas mãos estão quentes ao toque.

O calor confortável à angústia me leva, uma esperança, uma luz no fim do túnel, um degrau para a minha escada. Quanto mais o solo se aproxima, mas parecia vívida

a memória, desde o momento da fuga até a queda, o calor da mão dela não parecia mais me confortar, mas apenas me guiar para o fim.

Um chão tingido de vermelho que lembra rosas pinta o chão, a imagem do homem rabiscado que não conseguia recordar estava em minha frente. A imagem em minha frente é a vítima me culpando por todos meus pecados, é Deus me acusando. Frases não são possíveis de escutar, apenas um zumbido em meu ouvido que não para.

Tudo com que me alimentei durante o dia está contra o chão, risadas são a única coisa que dá para escutar de fundo por causa dos zumbidos, minha mente não parecia mais juntar informações. Tudo o que eu desejo é fugir, mas até meu corpo me abandonou. Com o rosto perto do chão, tudo o que é possível sentir no momento é a sola do pé da vítima.

ISSO É TUDO CULPA SUA! SE VOCÊ NÃO TIVESSE FUGIDO, NADA DISSO TERIA ACONTECIDO! — berra a vítima, enquanto me açoita com chutes.

A parede é gelada e os chutes não doem mais. Meus braços machucados buscam se defender até que ela pare, mas ela não para. Um cenário embaçado para meus olhos não mostra o rosto do meu carrasco, mas meus ouvidos mostram sua felicidade em aplicar minha pena.

SE VOCÊ NÃO TIVESSE NASCIDO, ISSO TUDO TERIA SIDO EVITADO, ELA NÃO TERIA BRIGADO COM A GENTE! — com ódio, ela enfim se afasta.

Se eu fosse descrever tudo o que restou, posso resumir a simplesmente solidão. Eu não vejo rosas no chão, tudo o que restou foram memórias conturbadas e uma forma de

desassociação. Talvez esse tenha sido o objetivo dela, apenas me fazer me lembrar de tudo, me lembrar de que eu sempre vou ser o culpado.

O barulho conturbante do despertador anuncia o fim de uma noite, mas não anuncia o fim dos colapso em minha mente. O som da água caindo no chão é a única coisa que acalma meu corpo, o sabão ardendo como se tivesse mergulhado em enxofre.

Não me permito olhar nos olhos de minha mãe durante a manhã. A vergonha é a sujeira que corrói meu corpo e minha alma, mas há coragem para pedir para que ela busque as minhas roupas no quarto. O gosto da comida amarga minha boca, meu estômago se encontra tão vazio quanto o meu peito, mas eu não posso desperdiçar para ela não gritar comigo.

O som da escada rangendo a cada passo faz meu estômago dobrar, o esforço para subir a escada não é diferente de antes, mas o sono me deixa anestesiado, desequilibrado. Arrumar o material foi como pegar pistas em uma cena de crime, tudo me parece errado, minha mente ainda está distorcida, tornando-me frágil, o barulho do zíper da bolsa atordoa meus ouvidos, e de repente faz meus olhos enxerem de lágrimas sem motivo.

Eu me afasto das pessoas, a sujeira está presente e todos parecem saber, olhos parecem vaiar minha alma e o cheiro da fumaça não esconde meu cheiro de enxofre. O suor do meu corpo é um fedor impuro que me recorda dos meus crimes, por que isso teve de acontecer logo comigo? Eu quero tanto esquecer.

Meu corpo sensível se remói ao mínimo contato, como se ferisse minha alma, os barulhos da sala de aula fazem aquelas risadas ecoarem de volta para mim. A parede me abraça e me conforta, o meu cheiro parece invadir aqueles que estão ao meu redor, o calor do casaco que esconde meus braços é insuportável, a forma como o sal do suor se mistura com o amargo cheiro do ferro, a ânsia por conforto humano é tudo o que eu preciso, mas isso não me alcança.

No fim, você é invisível para eles, não se importam com os tormentos que o rodeiam, todos são cínicos, o pleno egoísmo da natureza humana. É de se imaginar a absoluta indiferença, mas tive esperança de que poderia ser diferente, talvez até pudesse ser diferente, mas o conforto nunca vai partir do outro lado.

O som na porta

Elissandra Barros Picanço - 1EMAD

Kai estava acostumado a ficar sozinho nas noites em que seu pai trabalhava no hospital. Ele já sabia o ritual: jantava cedo, assistia a um pouco de TV e depois subia para o quarto, onde se aninhava com seus cobertores e ouvia o barulho da cidade adormecendo lá fora.

Naquela noite, porém, algo estava diferente. O vento soprava mais forte, uivando pelas frestas da janela. O garoto sentia um frio estranho na barriga, um desconforto que não conseguia explicar. Talvez fosse só imaginação.

Até que ouviu a primeira batida na porta.

Toctoc.

Kai congelou.

Quem poderia ser? Seu pai só voltaria de manhã. Nenhum vizinho costumava aparecer tão tarde. O garoto olhou para o relógio: 23h47.

A batida se repetiu. Dessa vez, um pouco mais forte.

Toctoc. TOC TOC.

Seu coração acelerou. Deveria ir até a porta? Perguntar quem era? Fingir que não estava ali?

Respirou fundo, reuniu coragem e caminhou lentamente até a entrada da casa. Seus passos faziam o assoalho ranger. Ele estendeu a mão até a maçaneta e hesitou. Então, finalmente, perguntou:

— Quem está aí?

Silêncio.

Um silêncio pesado, que parecia arrastar os segundos, sufocando a sala.

Kai segurou a respiração.

Foi quando ouviu o som que gelou seu sangue.

Uma voz baixa, quase um sussurro, do outro lado da porta.

— Eu sei que você está sozinho.

Kai sentiu um arrepio subir pela espinha. A voz do outro lado da porta era fria, sem pressa, como se soubesse exatamente o efeito que causava.

Ele engoliu em seco. Sua mente girava em busca de uma resposta sensata. Trancar todas as portas e janelas? Ligar para o pai? Fugir? Mas seus pés estavam colados ao chão, incapazes de obedecer.

Do outro lado, o silêncio permaneceu por alguns segundos, como se aquele estranho estivesse esperando por algo.

Então, a maçaneta se mexeu.

Kai recuou de um salto, sentindo o coração martelar contra o peito. Ele queria gritar, mas sua voz morreu antes de escapar. Queria correr, mas suas pernas estavam tão rígidas quanto o medo que o dominava.

O garoto olhou ao redor, procurando algo para se defender. Sobre o móvel ao lado da porta, viu uma lanterna e a agarrou com força. Se aquela pessoa entrasse, ele não ficaria ali parado.

A maçaneta parou de se mexer.

Kai prendeu a respiração.

E então veio o som que o fez estremecer por inteiro: raspas de unhas contra a madeira da porta, lentas, arranhando como se quisessem abrir um espaço ali. O garoto sentiu seu estômago se revirar.

Kai respirou fundo e, reunindo toda a coragem que tinha, gritou:

— Eu já chamei a polícia! Vai embora!

O som cessou.

Silêncio.

Por um momento, apenas o som do vento lá fora preenchia a casa. Kai sentiu uma pontada de alívio, mas seu corpo ainda tremia.

Até que uma batida final ecoou, mais forte do que todas as anteriores.

TOC TOC TOC.

Ele segurou a lanterna com força.

Sem aviso, a energia caiu.

Kai ficou paralisado no escuro, ouvindo apenas sua respiração acelerada. A energia tinha acabado de cair, mergulhando a casa em uma escuridão opressiva. Seu coração martelava. Alguém estava dentro da casa.

O som vinha da cozinha. Um arrastar de pés no chão. Sua mente gritava para fugir, mas algo o impedia. Algo dentro dele.

O silêncio se prolongou até que uma risada ecoou pela casa.

Baixa. Sutil.

E estranhamente familiar.

Kai sentiu um calafrio. Aquela risada… ele já a tinha ouvido antes, mas não sabia dizer onde. A casa estava vazia. Só ele e… quem?

Foi quando a energia voltou, piscando as lâmpadas de maneira irregular antes de iluminar tudo. A televisão ligou sozinha. Na tela, uma foto antiga apareceu.

Uma foto de Kai. Ou, pelo menos, ele achava que era ele.

Mas algo estava errado.

Ao seu lado, segurando sua mão, estava outra criança idêntica a ele.

Seu coração disparou.

Ele reconhecia aquela foto. Seu pai já havia mostrado a ele uma vez, quando era mais novo. Mas algo que ele sempre ignorava, ou melhor, se recusava a aceitar, voltava à tona com força avassaladora.

Ele não estava sozinho naquela imagem porque tinha um irmão gêmeo.

Mas seu irmão tinha morrido anos atrás.

De repente, tudo fez sentido. O som na porta. A voz dizendo "eu sei que você está sozinho". A presença que ele sempre sentia, mas nunca conseguia explicar. Ele nunca estava realmente só, porque em sua mente ele nunca aceitou sua própria vida sem o irmão.

Kai não era apenas Kai.

Ele era Kai e também o irmão que perdeu.

Seu corpo inteiro se enrijeceu ao perceber a verdade. Os arranhões na porta, a voz, os passos... nunca foram de outra pessoa. Foram dele o tempo todo. Seu medo era apenas o reflexo da verdade que ele se recusava a encarar: a identidade do irmão estava viva dentro dele, e ele a assumia sem perceber.

Na tela, a foto piscou uma última vez antes de a TV desligar.

Kai olhou para seu reflexo na janela.

E, por um instante, se viu olhando de volta como outra pessoa.

Concepção e Verdade

Felício Gabriel Santos de Souza - 1 EMAC

Em uma pequena cidade no extremo oeste de dado estado do Brasil, morava um jovem que saía de sua meninice e começava a viver sua pré-adolescência. Ele possuía o desejo de vir a Manaus passar o Natal com seus amados tios que ali residiam no momento. Para isso, labutava diariamente juntando tudo o que pudesse vender, visando arrecadar valor para viajar, e sua mãe o ajudava.

A família do menino era muito chegada ao marido de uma de suas tias, que era amazonense. O casal era tão afetuoso pelo fato de sempre ajudarem os jovens pais a criarem seus filhos, educando-os. Dessa forma, os laços de amor elevaram o carinho do rapaz pelo casal que apoiava seus pais. O menino cresceu, apegou-se aos tios e passou a morar com eles sem nenhum problema.

Assim eles levavam a vida normalmente, e o menino cresceu e tornou-se um jovem, muito jovem, rapaz. E ele levava sua vida normalmente, indo à escola, onde muito se destacava, e visitando os pais e os irmãos. No terreno onde morava, foram construídas três casas, numa das quais morava uma prima muito querida, com quem o rapaz cresceu.

Logo, os tios do menino se tornaram, respectivamente, pai e mãe, e eles amavam-se muito.

Em grande parte do tempo, o pai-tio passava com o filho-sobrinho, e assim tornaram-se muito amigos, amicíssimos. Andavam para lá e para cá juntos pela cidade e conversavam de tudo o que lhes fosse possível durante suas muitas caminhadas. E o menino sempre perguntava: “tio,

me conta uma história sua quando o senhor estava em Manaus?", e o jovem senhor respondia: "claro! Deixe-me lembrar... já lhe contei como quase eu e meus amigos fomos apanhados distribuindo sopa na Praça da Matriz às travestis?". E a alegria era grande no coração do rapaz ao ouvir cada história nova, cheia de emoção, de lutas, de momentos engraçados da meninice do tio-pai, da adolescência, da juventude, da vida adulta.

Quase todas as noites de domingo à caminho da igreja, eles sentavam em um lanche e se alimentavam antes de ir ao culto, e esses momentos quase sempre eram precedidos de boas histórias do grande estado do Amazonas.

Inevitavelmente, o desejo de conhecer o estado floresceu no coração da criança, e essa ideia não soava mal aos tios. Por algumas vezes, viagens foram feitas a Manaus, onde tudo era novo para o menino confinado à cidade natal. Eram prédios, muitos carros e shoppings e pessoas, muitas pessoas. Não apenas os inúmeros benefícios da grande capital, mas ali também havia a família e velhos amigos. Ao voltar para sua cidade, novos momentos vividos e experiências que marcaram estavam no coração do menino; ele ansiava por voltar, e o tio-pai sempre ao lado dele.

Entretanto, uma epidemia que assolava as cidades circunvizinhas veio a atingir a cidade onde vivia o menino, agora um rapaz. De prontidão e com rapidez, os habitantes locais, já conhecedores da doença, seus sintomas e sua profilaxia, logo se precaveram, tomando as medidas preventivas. E então,os infectados e suspeitos de contaminação começaram a surgir a cada semana, em contingentes cada vez maiores. A peste espalhava-se, e qualquer um era suspeito

de ser hospedeiro do vetor de contaminação. Sem demora, as pessoas começaram a minguar, mais doentes chegavam, e isso, sem demora, fez os leitos se esgotarem. Muita gente não tinha onde ficar. Dentre as muitas demandas, uma das mais essenciais era a de um medicamento para ser inalado pelos pacientes, o qual mantinha vivos aqueles que chegavam ao ponto mais crítico da infecção. Essa era a realidade de muitos, não apenas nessa localidade, mas em todo lugar onde a doença chegou, e não foram poucos lugares. Conta-se que, em alguns lugares, caminhões inteiros carregavam os que não resistiam para serem cremados; já não havia vida neles.

Contudo, essa realidade, apesar de tão perto, não afetara de modo significativo o rapaz. Este mantinha sua vida normal, apesar das restrições e medidas preventivas.

Porém, o menino desconhecia o quão cruel e cheio de sofrimentos é o viver. Em uma noite fora tirado tudo o que se lhe era possível considerar mais valioso. Uma faísca, é capaz de incendiar uma floresta, e uma mosca contaminada, uma panela de sopa; coisas pequenas podem desencadear grandes catástrofes, contanto que haja um meio para se propagar e que abale o status quo.

Um dia comum surgia para o menino, o qual logo caiu na rotina, na visão dele. O amado tio-pai havia sentido fortes dores naquela madrugada, cãimbras (algo frequente). Por ser uma situação que se repetia, o procedimento era sabido, ou pensava-se saber. Logo o dia amanheceu para o tio-pai do menino, mas estava ainda pior que na noite anterior, pois agora outros males o acometiam. A fadiga não lhe permitia mover-se com facilidade, fator empecilho

para a ida ao hospital, e o corpo inchava ao passo que sofria com náuseas. Não comia, tanto pela falta de apetite quanto pela ânsia de vômito. O corpo coçava e estava desorientado: eram as toxinas que se acumulavam em seu organismo. E a tia-mãe acompanhava-o em tudo. Sem demora eles foram ao hospital com urgência.

Não demorou para o garoto saber o que o tio-pai estava passando, e este, a menor ideia fazia de o quão grave era a situação até a tarde do dia seguinte. Era no jirau de roupas onde a tia-mãe chamou sua criança para conversar e lhe expõe o quadro do querido tio-pai, que já era angustiante, mas foi quando ela disse: "seu tio está com sintomas da infecção também e, caso a doença agrave, ele pode morrer". Esse foi o estopim das emoções do rapaz, e ele depressa pôs-se a chorar. E enquanto chorava, a tia dizia palavras de consolo e esperança.

Não havia possibilidade de tratamento prolongado na pequena cidade, por isso o paciente, que era o tio-pai, foi transferido para um local onde uma clínica especializada na doença existia, Manaus. E assim foi, os tios viajaram, deixando tudo para trás, inclusive o sobrinho-filho.

O rapaz então precisou de um lugar para ficar, e ele foi para a casa dos pais, o que seria algo normal para ele, mas não naquele dia.

A caminho de casa, o rapaz, que contava então anos, foi elogiado por ser belo de aparência. Mas não naquele dia, não naquele dia triste e mau, em que a vida tirou tudo de mais importante para uma criança de apenas onze anos. De que valia o exterior se a alma estava despedaçada?

A família o acolheu de braços abertos e de prontidão para ajudar.

Os dias foram passando e o menino acostumou-se à rotina nova na casa de seus pais.

Certa manhã por volta do meio dia, para fazer o almoço, a mãe pediu que o menino fosse ao mercadinho e comprasse um tempero que faltava ao guisado de frango. Nesse caminho, o rapaz encontrou o primo que morava do outro lado da rua com uma sacola plástica pequena cheia de latas e, pelo fato de o primo gostar de brincar na rua com papagaio, o rapaz pergunta já deduzindo a resposta: "pra quê são essas latas?", mas para a surpresa dele, a resposta foi: "eu estou juntando para vender, tem um lugar que compra". Isso de imediato interessou ao menino que ia ao mercadinho e ele levou a ideia para casa e perguntou o que a mãe achava. Ela apoiou e sugeriu a vinda para Manaus.

Foi então que o trabalho começou. Foram meses juntando latinhas de alumínio. A tia voltou de Manaus para tratar de assuntos concernentes ao trabalho que deixara de última hora, e ele voltaria com ela. Os dias passaram rápido, e após dois dias de viagem de barco, chegaram a Manaus em uma madrugada. Direcionaram-se para a casa onde os tios hospedaram-se pelos meses que viveram em Manaus.

O reencontro emocionou o tio-pai, que há muito não via o filho-sobrinho. Uma experiência que marcou o coração daquele que sentiu saudade de seu filho amado e o reencontrou.

Contudo, não demorou muito para um problema surgir. A ida do rapaz foi planejada e esperada, entretanto, um processo na justiça por herança fez com que a casa fosse

cedida. Para onde ir? Não sabiam. Procuraram, mas não encontraram.

Por fim, chegou o dia antecedente à mudança, e ainda não havia local para ficar.

A casa que foi perdida era cheia de livros, por isso muitas caixas foram necessárias para guardar tudo, e consequentemente fita. Na falta da fita, o tio-pai foi a um mercadinho subindo uma rua. Mas ele demorou para voltar.

Em meio à arrumação da casa surge a preocupação: "Por que ele demora para voltar?", e não parou de crescer naqueles corações. O rapaz pensou em todos os desastres possíveis de terem acontecido. À toa ele preocupou-se, pois o homem apareceu e com novas de alegria! Eis o motivo: uma placa de anúncio de aluguel e, ao tratar com o dono da propriedade, o preço era muito acessível para o que o ambiente oferecia em comparação a outros lugares.

No dia seguinte, as duas mudanças foram feitas. A família separada temporariamente agora estava unida novamente. Das outras viagens, essa sem dúvida foi a que mais pôs à prova tudo o que se podia esperar das situações vividas.

Conta-se que dessa viagem, uma vez o rapaz retornou à sua cidade, e nunca mais foi visto desde aquele dia em Janeiro, quando embarcou voltando para a capital do Amazonas.

Eu quero

Glória Vitória Silva Santos - 1EMAA

Eu tive uma péssima noite.

Não que isso fosse uma surpresa, eu não havia tido uma única boa noite de sono desde que me mudara para aquele cubículo que quase não poderia ser chamado de casa. Mas a noite passada havia sido pior. Faz uma semana que em todas as noites, sem falta, eu ouvia os assobios agudos de uma rasga-mortalha sobrevoando o meu teto. Era um barulho ensurdecedor, completamente irritante que não me deixava dormir de jeito nenhum e fez aumentar ainda mais o ódio que eu sinto por esse lugar.

Deus, como eu odeio esse lugar.

Eu odeio essas paredes rachadas que devem abrigar milhares de insetos, odeio as goteiras que fazem um barulho completamente irritante toda vez que chove, odeio esse móveis velhos e rasgados, odeio esse ar com um cheiro imundo de pobreza e miséria, eu odeio essa vida. Às vezes, eu acho que eu me odeio também por ter acabado nessa situação.

Mas não adianta pensar nisso, divagar sobre o quanto a minha vida é terrível não vai resolver os meus problemas e nem terminar os meus afazeres por mim. Levanto-me com uma vontade irresistível de voltar para cama, tomo um banho rápido — pois não suporto passar mais tempo do que o necessário dentro daquele banheiro úmido e abafado —, arrumo-me rapidamente, pego o cesto de roupas limpas e saio para estendê-las lá fora, no pátio que servia como um varal comunitário em frente ao cortiço em que eu vivo.

— Graças a Deus que nenhuma daquelas intrometidas está aqui hoje — minha voz sai em um sussurro baixo, pois eu não quero testar a sorte. A última coisa de que eu preciso é da presença daquelas velhas fofoqueiras falando mal de mim pelas costas, sussurrando coisas maldosas sobre mim bem ao meu lado como se eu não pudesse ouvi-las.

Tão absorta na tarefa de estender as roupas e pendurá-las no varal e tão focada nos meus pensamentos sobre o quanto eu odiava a minha vizinhança, não presto atenção alguma ao meu redor.

De repente, sinto uma mão agarrar o meu ombro.

Eu congelei. Até meio segundo atrás eu estava sozinha no pátio, não havia ninguém comigo e se alguém tivesse saído de casa eu com certeza deveria ter ouvido, afinal as portas desses cubículos são tão antigas que fazem um barulho infernal a cada vez que são abertas. Então quem era?

— Desculpe, eu te assustei? — a pessoa saiu de trás de mim e eu pude ouvir em seu tom de voz suave o quanto achou divertido. Levanto minha cabeça e na minha frente está ela: Tainara, minha nova vizinha.

Eu suspiro baixinho de alívio, afinal é apenas Tainara que, embora possuísse uma aparência um pouco intimidadora, com aqueles olhos escuros que pareciam ver demais, era completamente inofensiva. Provavelmente eram as noites mal-dormidas e as histórias idiotas que aquelas velhas fofoqueiras contavam que estavam me deixando tão tensa. Nada que um pouco de descanso não resolva.

Tainara havia se mudado a pouco menos de dez dias para o quarto que ficava a duas portas do meu, no entanto eu pouco sabia dela. Eu nunca havia sido uma pessoa muito

amigável e nunca criei o hábito de iniciar conversas, motivo pelo qual, além da minha reputação, eu não era próxima de nenhum dos meus muitos vizinhos. Dessa forma, a mudança dela para cá não foi algo em que eu prestei muita atenção, no máximo lembro-me de ter ficado levemente curiosa sobre o que a teria trazido aqui, afinal Tainara possuía uma beleza que, na minha visão, era muito mais adequada aos apartamentos de luxo na parte rica da cidade do que a um cortiço imundo da periferia, mas além disso, eu não havia pensado nela. Eu não sabia por que ela de repente resolveu falar comigo.

Observo-a se mover para o varal em frente ao meu e começar a estender as suas próprias roupas:

— Sinto muito por ter te assustado, vi você aqui sozinha e pensei em falar com você já que não me lembro de termos nos conhecido ainda — disse e sorriu para mim um sorriso que, embora fosse encantador, não parecia conter nem um pingo de arrependimento.

Saio do meu estupor e torno a estender as minhas próprias roupas.

— E você, por um acaso, planeja se tornar amiga de toda a vizinhança?— eu tento dizer estas palavras com a maior quantidade de sarcasmo possível para que ela me deixe logo em paz.

— Não, só dos mais interessantes — ela sorri para mim novamente e eu sinto o que resta da minha paciência se esvair. Como essa mulher pode ser tão falsa? Eu dou um longo suspiro para me acalmar e resolvo perguntar logo de uma vez:

— O que você quer? — levanto-me e me viro para encará-la de frente. Ela olha para mim com uma expressão confusa, embora não surpresa.

— Perdão?

— Não se faça de desentendida, o que você quer? Eu não vou perguntar de novo — e eu não vou mesmo. Se ela continuar com esse joguinho, a melhor opção é ir embora para não dar um tapa nela, afinal não há outra opção para o que aquilo é: algum tipo de jogo que ela estava tentando jogar comigo. Ela está zombando de mim, não há como ela não saber.

— Eu juro que não faço ideia do que você está falando. — agora ela parece falar sério, mas eu não pude acreditar em uma palavra do que ela disse. Não havia como ela não saber e essa negação estúpida já está me dando nos nervos.

— Não sabe? Tá bom, como se você não tivesse ouvido falar sobre o que eu fiz de nenhuma daquelas víboras ansiosas para espalhar essa história para qualquer um que quiser ouvir. Se você vai continuar com esse fingimento, me deixe em paz.

Virei-me de novo para o meu varal e começo a pendurar as minhas roupas o mais rápido possível para poder ir para longe da presença dela. O silêncio reinou por alguns instantes e eu quase pensei que ela havia desistido, até que eu ouvi a sua voz novamente.

— É por isso que você vem sempre estender as roupas mais cedo do que os outros? Para não ser incomodada? — a surpresa que eu senti ao ouvi-la falando comigo de novo fez com que eu olhasse para trás para vê-la. Por que ela ainda insistia em falar comigo?

Não importava, eu não estava com nenhuma vontade de conversar, principalmente com uma pessoa tão fingida. Talvez se eu ignorá-la, ela desista e me deixe em paz.

Não aconteceu.

— A visita da Matinta-Perera deve ser algo bom para você então, já que os vizinhos estão tão assustados que não querem sair cedo de casa.

A minha surpresa com o comentário dela foi tanta que eu rapidamente abandonei a minha decisão de ignorá-la. Não é possível que alguém realmente acredite nessas histórias e eu senti dentro de mim o desejo de retrucá-la.

Virei-me para olhá-la com a maior expressão de desdém que eu era capaz de fazer.

— Não é possível que você realmente acredite nessas histórias, não é?

Ela se virou para mim com uma expressão surpresa, provavelmente porque não esperava que respondesse, e abriu um sorriso divertido.

— Por quê? Você não acredita?

— Como se eu fosse acreditar que existe uma bruxa que se transforma em pássaro para atormentar as pessoas durante a noite só porque uma rasga-mortalha começou a aparecer. Tudo isso são só histórias de gente de cidade pequena para fazer as crianças se comportarem — digo, virando-me para terminar de estender as minhas roupas. — Isso é só folclore, não tem motivo para ter medo disso, mas pelo menos essas histórias servem para manter essa gente fuxiqueira dentro de casa, pelo menos assim eu não preciso ficar ouvindo eles me chamando de ladra pelas costas.

— Então é verdade que você desviou dinheiro da prefeitura?

Virei-me para encará-la indignada com a falta de vergonha dela em me fazer uma pergunta dessas, sendo que ela nem me conhece. Travo meus olhos com os olhos escuros dela e fico momentaneamente sem fôlego pela intensidade deles. Quase sinto que poderiam me sugar, tal é a sua força, e meu torpor foi tamanho que deu a ela tempo para me fazer outra pergunta.

— O que foi que realmente aconteceu, Mara?

Fico inebriada. Sinto como se meu corpo estivesse flutuando e minha mente confusa, meus pensamentos parecem fugir de mim. Mas eu ainda conseguia ouvir a voz dela e sabia que ela estava esperando uma resposta. Então eu começo a falar.

— Eu realmente desviei o dinheiro, mas eu não fiz isso sozinha. Eu nasci filha de uma prostituta, minha mãe engravidou logo na adolescência e nunca fez questão de esconder a antipatia dela por mim, então eu aprendi desde muito jovem a lutar por mim mesma e a batalhar para conquistar as coisas que eu queria. Foquei muito nos meus estudos e após concluir a faculdade consegui passar em um concurso público e comecei a trabalhar na prefeitura. Tudo estava bem, mas eu queria mais então...

Eu não consigo terminar. Minha mente segue confusa, mas eu sinto dentro de mim que algo está errado. Eu não deveria estar aqui conversando com ela, eu não deveria estar lhe contando essas coisas, eu tenho que...

— Continue, Mara. O que você fez?

Eu abri meus lábios novamente.

— Naquela época, os sobrinhos do prefeito, Vanessa e Marcos Alves, que tinham acabado de terminar a faculdade, começaram a trabalhar no meu departamento e vieram falar comigo. Eles planejavam desviar o dinheiro destinado às políticas públicas para as contas deles e sabiam que eu poderia ajudar. No início eu não quis, eu tinha medo de me pegarem, mas eles me prometeram que se algo acontecesse eles me ajudariam e me encheram de promessas sobre o quanto eu poderia fazer com o dinheiro que pegaríamos, então eu aceitei. Foi bom, eu finalmente pude comprar a casa dos meus sonhos, pude comprar roupas de grife e joias caras, eu tinha a vida que eu sempre quis. Mas eles descobriram, realizaram uma investigação e os Alves me jogaram para os leões na primeira oportunidade, eles alegaram inocência e me culparam por tudo e o prefeito, que não queria que a reputação da família dele fosse manchada, apoiou os sobrinhos em tudo. Eu quase fui presa, mas consegui fazer um acordo para pagar uma fiança, só que o valor era muito alto e eu tive que vender tudo o que eu tinha para conseguir pagar. Para piorar, como essa cidade é pequena, todos ficaram sabendo do que aconteceu e lugar nenhum quis me contratar. Estou vivendo até hoje com o pouco dinheiro que sobrou do que eu tive que vender, enquanto os sobrinhos do prefeito foram para a Europa para escapar do escândalo.

Me sinto péssima: como eu pude contar tudo isso a ela? Eu nem a conheço, por que eu estou seguindo as ordens dela? Eu tenho que ir embora. Eu tenho que ir para longe...

Eu a sinto tocar no meu ombro. Eu a vejo sorrir para mim de uma forma que deveria ser tranquilizadora, mas que só me deu medo. Eu quero ir embora, eu quero lavar o toque dela da minha pele, eu só quero sumir e esquecer tudo isso.

— Não se preocupe, Mara. Você vai esquecer.

Eu devo ter falado a última parte em voz alta. Eu devo ter falado em voz alta e dessa forma ela me ouviu. Eu tenho que ter. Eu repeti essas afirmações para mim mesma porque a alternativa era muito mais assustadora. Deus, eu quero ir embora.

— Não se preocupe, Mara. Eu não vou machucar você, mas você está tão assustada que é melhor esquecer isso.

Sim, concordo. É melhor esquecer, é melhor fingir que isso tudo nunca aconteceu, é melhor, é...

O que aconteceu? Minha cabeça está doendo tanto, parece que me acertaram com uma marreta. Eu levo minhas mãos ao rosto e tento lembrar o que aconteceu para que eu me sinta tão mal. Ouço uma voz falando comigo, mas meus ouvidos estão zunindo e eu não consigo prestar atenção, até que eu sinto uma mão tocando meu ombro. Levanto minha cabeça assustada e ficou de frente para o rosto preocupado de Tainara.

— Mara? Você está bem?— ela perguntou isso enquanto levava suas mãos aos meus braços e me ajudava a me levantar. Foi quando percebi que estava caída no chão. Eu me levantei e imediatamente me afastei dela. Por algum motivo, não a suportava me tocando.

— Eu estou bem, eu acho. O que aconteceu? — perguntei isso a ela enquanto observo meu entorno e vejo mi-

nha cesta no chão com algumas peças ainda dentro. Isso mesmo, eu lembro agora. Eu estava pendurando as roupas no varal até que Tainara veio conversar comigo, eu a ignorei até que ela começou a falar daquele absurdo de Matinta-Perera e então... Eu não me lembro. Resolvo esperar a resposta dela, talvez isso esclareça alguma coisa, e ela não tardou a vir.

— Nós estávamos conversando enquanto pendurávamos nossas roupas e de repente você teve um ataque de tontura e caiu no chão. Você está bem?

Ela parece realmente preocupada, mas por algum motivo eu não consigo confiar nela. Por que estou sentindo isso? Por mais que eu não a conheça, Tainara nunca me fez nada, por que eu estava desconfiando tanto dela? Talvez... Talvez seja melhor esquecer isso. Não importa, é melhor mudar de assunto. É melhor esquecer isso.

— Estou bem, não se preocupe. Sobre o que conversávamos? — pergunto a ela enquanto volto para perto do meu cesto para terminar de estender as roupas. Se ela achou estranha a minha mudança abrupta de conversa, considerando que há meio minuto atrás eu estava mandando que ela me deixasse em paz, ela não mencionou. Mas eu quero tanto esquecer o que tinha acontecido, que até conversar com ela para afastar esse assunto da minha mente parece melhor.

— Eu estava comentando com você sobre o susto que a aparição da Matinta-Perera causou nos vizinhos e você dizia que não acreditava nisso.

— E eu continuo com a mesma opinião. Não vejo sentido algum nessas histórias infantis — eu estava quase terminando, faltavam apenas algumas peças.

— Será? Pode ser algo bom. Dizem, afinal, que, se você conseguir capturar uma Matinta-Perera, ela pode realizar qualquer desejo... em troca de um favor, é claro.

— É mesmo? — eu estou completamente cética, mas quero continuar o assunto para que o tempo passe mais rápido e eu não que sozinha com os meus pensamentos. — E como se captura uma Matinta-Perera?

— Dizem que se você enterrar uma chave em um local por onde a Matinta-Perera passa e sobre a chave colocar uma tesoura aberta e um rosário, quando ela sobrevoar por ali, ficará presa e não conseguirá sair. Quando isso acontece, você pode fazer qualquer pedido e a Matinta-Perera o realizará.

Apenas isso? Que monte de baboseiras. Se uma entidade como a Matinta-Perera realmente existir, eu duvido que uma tesoura e um rosário seriam suficientes para prendê-la. Isso é obviamente mentira e eu não pude deixar de dizer isso a ela.

— Eu acho que nunca ouvi tantos absurdos na vida — graças a Deus faltavam apenas duas peças, eu quero ir embora.

Eu a ouço rindo.

— Será? Eu acho fascinante. Não seria bom poder pedir o que quisesse e ter o seu desejo atendido?

Eu finalmente termino de estender todas as peças e pego o meu cesto para voltar para casa.

— Seria sim, se isso fosse verdade. — virei-me com o meu cesto em mãos e a observo também estender suas últimas peças de roupa.

— Suponha que seja verdade — ela diz, pendurando a última peça. — O que você pediria?

A resposta para essa pergunta é muito fácil.

— O que eu pediria? Eu pediria para ir embora daqui. Eu faria qualquer coisa para sair desse buraco — e é verdade, há muito pouco que eu não faça para me vingar dos Alves e reaver o que é meu por direito.

— Qualquer coisa? Cuidado com o que deseja, pode não valer a pena — ela terminou de pendurar as roupas e abaixou-se para pegar o seu cesto.

— Qualquer coisa é melhor do que estar aqui, Tainara — eu a respondi e me virei em direção a minha casa.

— Se é assim, então por que é que você não tenta?

A minha surpresa com o absurdo da pergunta fez com que eu me virasse em direção a ela mais uma vez e a encontrasse já olhando para mim com um sorriso nos lábios

— Perdão? — não é possível que ela esteja realmente sugerindo isso, não é? Ela sorriu para mim.

— Qual é o problema? Você não disse que faria qualquer coisa para sair daqui? Então por que não tentar? — ela disse essas palavras enquanto olhava diretamente nos meus olhos e eu me senti momentaneamente atordoada pela intensidade deles, tanto que quase não a respondo.

— Não seja absurda, Tainara — digo, me virando novamente e começando a andar em direção a minha casa — Isso é impossível.

Ando a passos rápidos até a minha casa e fecho a porta rapidamente, respiro fundo e tento focar no espaço ao meu redor. Está tudo bem, estou segura, não há razão para ter medo de nada, eu estou bem, mas... Mas por que eu não estaria?

Não importa, eu ainda tenho muitas coisas para fazer. Com a casa inteira por arrumar, não tenho tempo para perder pensando na estranheza da conversa que tive com Tainara e nem na proposta absurda que ela fez. Começo a caminhar em direção à cozinha para pegar meus utensílios de limpeza, até que ouço o barulho de algo caindo atrás de mim. Mesmo sem querer, eu tensiono todo o meu corpo e sinto um frio subindo pela minha espinha. Mas o que será isso agora?

Viro-me devagar na direção do pequeno corredor pelo qual eu havia acabado de sair e observo lá, caído inocentemente no chão, um rosário.

Eu arregalei os meus olhos e pude sentir as minhas mãos começarem a tremer. Eu não tenho nenhum rosário, eu nunca fui católica e nunca acreditei em nenhuma religião, nunca vi sentido em rezar para um Deus que não dava a mínima para o meu sofrimento. Então de onde veio aquele rosário?

Ele está lá caído no chão ao lado de uma pequena cômoda de madeira que pertencia ao antigo morador e que eu nunca havia mexido. Talvez fosse isso, eu nunca olhei essa cômoda por dentro, apenas havia passado um pano ao redor para tirar a poeira e a movi para o canto do corredor já que eu não via sentido em jogá-la fora mesmo que eu não a usasse. Talvez o rosário pertencesse ao antigo morador,

estivesse guardado na cômoda até agora e só tivesse caído. Sim, isso faz total sentido, eu devo apenas guardar o rosário na cômoda novamente e continuar com os meus afazeres.

Ando devagar até o objeto, pego-o e vou na direção da cômoda para guardá-lo, sem dedicar nem mais um único pensamento à estranheza daquela situação. No entanto, assim que eu abro a primeira gaveta da cômoda, sinto o meu sangue gelar.

Lá dentro, no fundo da gaveta, estão, lado a lado, uma tesoura e uma chave. Eu fico atônita: sinto minhas mãos suarem, um frio na barriga e um pavor que aos poucos vai tomando conta da minha mente. Isso tudo é coincidência demais para que eu ignore. Primeiro, aquela conversa estranha com Tainara, agora eu encontro os itens para aquele ritual de captura dela dentro da minha casa, sendo que eu tenho certeza de que nunca os tive?

Eu não paro para pensar mais, simplesmente jogo o rosário dentro da gaveta, corro para dentro do banheiro e travo a porta por dentro. Eu preciso pensar, eu preciso respirar e decidir o que fazer a seguir. Jogo um pouco de água no rosto e observo-me no reflexo do espelho.

A visão que eu encontro lá não me surpreende nenhum pouco.

Olheiras profundas, pele pálida e seca, cabelos quebradiços e oleosos. Eu pareço um cadáver. Desde que aquilo havia acontecido comigo, minha vida passou a ir de mal a pior, tudo que eu lutei para conquistar havia sido perdido, inclusive eu mesma. Toda a beleza e charme que eu me orgulhava de exibir desapareceram, toda a minha astúcia e esperteza se converteram em uma personalidade amarga e

rancorosa. Pareço apenas uma casca de quem eu já fui. No que eu me transformei? Lembro-me então das palavras de Tainara: "Por que é que você não tenta"?

Isso é um absurdo, não pode ser que eu realmente esteja considerando isso, eu não posso aceitar que eu caí tão fundo a ponto de buscar salvação em lendas folclóricas. Mas... Mas que mal há em tentar?

Se eu estiver certa e não funcionar, eu só perco tempo e minha vida não muda em nada, mas se eu estiver errada... Se eu estiver errada minha vida poderia mudar para sempre. Eu não menti para Tainara, eu daria qualquer coisa para poder sair daqui, eu daria qualquer coisa para ter a minha vida de volta.

"Por que é que você não tenta"?

Eu saio do banheiro e sigo em direção à cômoda novamente.

Eu faço tudo muito rápido, quase em transe, sem pensar, pois eu sabia que se eu pensar muito, desisto.

Eu pego os objetos e vou andando até um terreno atrás da minha casa e sigo todas as instruções que Tainara me indicou.

"Dizem que se você enterrar uma chave na terra em um local por onde a Matinta-Perera passa...".

Eu o fiz.

"... e sobre a chave colocar uma tesoura aberta e um rosário…".

Segui todas as instruções cuidadosamente.

"Quando ela sobrevoar por ali, ficará presa e não conseguirá sair".

Agora, basta esperar.

Voltei para a minha casa e terminei todos os afazeres que eu tinha planejado, até mesmo aqueles que pretendia deixar para outro dia, tudo para que eu ocupe a minha mente e não me permita pensar no que eu fiz.

Meu dia passou em um borrão, imagens piscando na minha mente sobre o rosário, Tainara, minha própria imagem no espelho. Eu não me permito descansar, eu fico tensa o dia todo, à espera de quê eu não sei. No ápice da noite, eu já tomei banho e deito em minha cama esperando que o sono venha, porém a minha mente está inquieta, relembrando todos acontecimentos que ocorreram ao longo do dia, tanto que eu demorei para perceber que algo estava faltando.

Algo que vinha ocorrendo durante uma semana parou de acontecer.

Eu não ouço o assobio da rasga-mortalha.

O som que tinha perturbado o meu sono todas as noites há uma semana sumiu.

Eu me levantei, calcei as sandálias e fui em direção a porta de pijama mesmo. Talvez seja coincidência, talvez tudo isso não passe de uma loucura da minha cabeça, mas se for verdade...

Caminho apressada em direção ao local em que havia feito o pequeno ritual e para minha surpresa...

Há alguém ali.

Paro a poucos metros do local, nervosa. Consigo sentir meu coração batendo forte entre as costelas, minha respiração acelera e me sinto prestes a desmaiar.

Porque isso não pode ser real.

Certamente deve haver uma explicação para a presença daquela senhora no meio de um terreno baldio na madrugada.

Certamente não deve ser tão fácil assim.

"Quando isso acontece, você pode fazer qualquer pedido e a Matinta-Perera o realizará".

Aproximo-me dela devagar. Conforme chego mais perto, percebo mais características dela. Sobre os ombros, uma manta longa, bordada com detalhes que parecem imitar as asas de algum tipo de ave. Seu cabelo é branco e ralo, chegando até o meio das costas, e nas mãos, uma bengala de madeira.

Mas será mesmo ela?

Paro a um metro de distância.

— Senhora... a senhora está bem? Precisa de ajuda?

Então, ela se vira para mim e eu tenho que segurar um grito.

Os olhos daquela mulher são a coisa mais tenebrosa que eu já vi: a esclera é vermelha como sangue, suas pupilas são de um amarelo brilhante e sua íris é alongada como a de uma serpente. Para piorar, sobre ambos os olhos ela possuí cicatrizes que atravessam um lado a outro da face, como se feitas por garras.

Fico apavorada, sempre fui uma pessoa cética e mesmo tendo feito tudo o que fiz e vindo até aqui, uma parte de mim achava que esse tipo de coisa não existia, que eram apenas lendas. Congelada de medo, não sou capaz de mover um músculo mesmo que eu queira, minha respiração acelera e eu nunca tive tanto medo da morte quanto neste

momento, pois eu tenho certeza de que, seja lá o que essa velha for, ela não é humana.

A velha olha para mim, enxerga meu medo e abre um sorriso largo de dentes podres e amarelos

— Por que tu estás tão assustada, menina? Sendo que foi tu mesma que me chamou aqui.

A voz dela é baixa e muito rouca, como se não falasse há muito tempo. Eu quero fugir dela. Eu quero abrir os olhos na minha casa e descobrir que isso tudo foi apenas um pesadelo. Mas eu não posso, afinal ela está certa: eu a havia chamado aqui, eu não posso desistir agora. Por isso eu respondo:

— Eu... Eu não achava que você fosse real.

— E mesmo assim, tu me chamastes aqui.

Por um momento, temi que ela estivesse irritada comigo, mas ela parece, a julgar pelo seu sorriso ainda presente, apenas se divertir com o meu espanto. Ao invés de me repreender, ela me faz outra pergunta:

— Por que é que tu me chamastes aqui, menina? O que é que tu desejas?

— A senhora pode realizar qualquer pedido? — será que eu finalmente terei o que é meu de volta?

— Se fores o que tu mais queres, então sim, mas tu também terás que me dar algo em troca.

É claro, eu não esqueci. Nada nesse mundo vem de graça, mas para ter o que eu quero, eu darei qualquer coisa.

— O quê? — estou pronta para dar a ela o que quer que ela me peça. Meu medo não desapareceu, mas a minha vontade é muito maior.

O sorriso dela, impossivelmente, ficou mais largo, quase medonho. Por um momento, eu pensei que o rosto dela fosse rasgar, tão grande era o seu sorriso.

— Vais me dar o que eu quiser.

É uma jogada perigosa fazer um acordo com uma entidade que eu não conheço e ficar lhe devendo algo que eu nem mesmo sei o que seria. No entanto... eu farei qualquer coisa para ter o que eu quero.

— Eu aceito então.

— Muito bem. Ouça menina — ela começou a aproximar-se de mim. — Primeiro, eu cumpro a minha parte, depois tu cumpres a tua. Assim que eu realizar o teu desejo, eu virei cobrar a tua dívida, entendeste? — então ela estendeu uma mão enrugada, de unhas longas, na minha direção.

Eu não hesito. Aproximo-me dela e aperto a sua mão.

— Eu entendo.

No momento em que minha mão tocou a dela, uma forte vertigem se apoderou do meu corpo e memórias invadem a minha mente. Eu vejo toda a minha vida passando pelos meus olhos, desde a minha infância com a minha mãe, minha faculdade, o dia em que eu fui descoberta, tudo. Sinto cada sensação como se fosse a primeira vez e mais ainda, sinto dentro de mim o quanto eu quero que o meu desejo seja realizado. Sinto o quanto eu quero ter a vida que eu sempre deveria ter.

Então eu ouço um grito, agudo, potente, que parece reverberar dentro de mim, tal é a sua força. Sinto que posso ficar surda e teria colocado minhas mãos sobre os meus ouvidos se a Matinta-Perera ainda não estivesse segurando

a minha mão com força. Parece que não vai acabar nunca, parece que eu terei que ouvir aquele grito pela eternidade... Até que ele para.

Aquele grito é a última coisa de que eu me lembro dessa noite.

Ao acordar, sinto uma dor horrível. Meu Deus, parece que eu fui atropelada por um caminhão. Minha cabeça lateja e todo o meu corpo está dolorido. Levanto devagar do chão em que estava deitada e tento me sentar, olho ao meu redor e percebo que estava no chão da minha casa, deitada no meio do corredor.

Ao longe, ouço o que me acordou: o telefone fixo que fica na cozinha toca incessantemente, um barulho estridente que piora ainda mais o meu estado. Levanto-me para ir em direção à cozinha e me apoio na cômoda ao meu lado. Assim que eu percebo onde eu estou me apoiando, quase caio para trás.

Todas as memórias veem.

Meu Deus, como o acordo que eu havia feito na noite passada não foi a primeira coisa que eu lembrei ao acordar? Como eu posso ter esquecido disso? Como eu havia voltado para casa? Será que aquilo que eu vivi foi mesmo real? Meus questionamentos internos são interrompidos pelo som do telefone tocando novamente. Corro para a cozinha e atendo a ligação.

— Bom dia, eu falo com Mara da Silva Dyorá?

— Sou eu mesma.

— Eu tenho uma proposta para a senhora.

Mais um daqueles charlatões, como se eu já não tivesse problemas o suficiente.

— Obrigada, mas eu não estou interessada.

— Se trata de derrubar a família Alves... E reaver o que a senhora perdeu.

Não é possível, já faz dois anos desde que aquele caso se encerrou. Os Alves são uma das famílias mais poderosas da cidade, que esquema seria capaz de derrubá-los e por que precisariam da minha ajuda?

Então, uma memória me vem à mente.

"Primeiro eu cumpro a minha parte, depois tu cumpres a tua".

Será que poderia ser isso? O que eu vivi foi mesmo real?

— Senhora Dyorá? Então, o que a senhora me diz?

Eu abro um sorriso:

— Estou ouvindo.

Depois desse dia, a minha vida mudou completamente.

Acontece que a pessoa que me ligou era a juíza Melissa Nascimento. Ela estava com um projeto contra a corrupção e descobriu vários crimes que a família Alves havia cometido ao longo dos anos e me pediu um pequeno favor. Ela descobriu meu envolvimento com os Alves no desvio de dinheiro e presumiu que eu tinha conhecimento de outros crimes que eles poderiam ter cometido. Ela estava certa. O favor era que eu testemunhasse contra os Alves perante o tribunal e em troca ela me daria um lugar ao lado dela na prefeitura. Eu aceitei imediatamente e desde então eu consegui tudo o que eu mais desejava.

Eu havia conseguido meu trabalho, minha casa e todas as minhas jóias e roupas de grife. Tudo o que eu desejei, tudo o que eu pensei que nunca mais teria, todo o

conforto e segurança que eu pensei haver perdido agora é meu novamente. Eu não poderia estar mais feliz.

Caminho pelo meu quarto em direção ao closet da minha nova mansão e sento-me em frente ao espelho da minha penteadeira.

Diante de mim, eu vejo a concretização de todos os meus desejos.

Estou linda. Minha pele está perfeita, macia e sem manchas, meu cabelo está arrumado e bem cuidado e eu visto um robe de seda pura que demonstra todo o luxo pelo qual eu agora posso pagar.

Está tudo perfeito.

Até que todas as luzes se apagam.

Meu closet, outrora tão iluminado, permitindo a visão de todas as minhas roupas e itens de luxo, agora está escuro como breu, de modo que a luz da lua, que entra por uma janela na parede oposta a mim, é a única coisa que ilumina o quarto.

Eu não grito. Eu nunca fui uma pessoa escandalosa e, de qualquer maneira, gritar não iria adiantar. Eu sei exatamente o que está acontecendo. Eu não esqueci da minha promessa, mesmo que tivessem se passado meses desde que eu a fiz. E eu pretendo honrá-la.

Não posso me considerar uma pessoa boa nem justa, mas me considero uma mulher de palavra. Seja lá qual for o pedido que a Matinta-Perera for me fazer, eu o cumprirei.

Por isso eu não fico assustada quando ela toca meu ombro por trás e me encara através do espelho com seus olhos amarelos, que são a única coisa que eu consigo ver perfeitamente nessa escuridão.

— Tu conseguiste o que tu querias, não é mesmo, Mara?

— Eu consegui. E o que você quer?

Eu não esqueci da minha promessa.

"Assim que eu realizar o teu desejo, eu virei cobrar a tua dívida, entendeste"?

Eu nunca esqueci da minha dívida.

— Tu.

Eu congelei, e o medo que eu não tinha sentido até aquele momento começou a se apoderar de mim.

— O que você quer dizer? Como assim, eu?

— Há uma parte da lenda da Matinta-Perera que eu não lhe contei.

Me contou? Como assim, me contou? Eu nunca havia falado com ela além do momento em que fizemos o nosso acordo. Do que é que ela está falando? O que está acontecendo?

— Do que está falando? Nunca nos conhecemos antes.

— Só porque eu estou usando um rosto diferente, tu não me reconheces, Mara? E eu que pensei que nós éramos amigas.

Sinto o desespero tomar conta de mim. Nada disso está acontecendo como eu esperava. O que ela quer dizer com rosto diferente? Do que é que ela está falando?

Ela sorri para mim aquele mesmo sorriso medonho através do espelho.

— Ainda não se lembra? Talvez seja melhor... que eu te mostrei.

Então, diante dos meus olhos, ela começa a se transformar.

Sua coluna, antes encurvada, se endireita. Seus cabelos, antes brancos e quebradiços, escurecem e se alongam. Seus ossos se reorganizam e ouço o som da carne sendo rasgada, remodelada, e dos ossos se movendo. Vejo seu rosto mudar, ela arrancando a própria pele para revelar a nova por baixo. Vejo seus dentes amarelados se afundarem dentro de sua boca para que novos dentes brancos nasçam. E o pior: durante tudo isso, ela nunca parou de sorrir.

É grotesco, é aterrorizante, e eu sinto que poderia vomitar se eu não estivesse paralisada de pavor. Eu não consigo nem ao menos fechar os olhos, tive que assistir a todo esse horror enquanto ela muda e se torna... Alguém que eu já havia conhecido antes.

Atrás de mim, no exato lugar onde a Matinta-Perera estava, estava Tainara, sorrindo para mim através do espelho.

— Olá, Mara. Se lembra de mim agora?

Fico em choque, atônita. Não conseguiria falar mesmo se quisesse. Um redemoinho de emoções se acumula dentro de mim: raiva, medo, choque... Mas acima de tudo, traição.

Eu não consigo suportar a maneira como eu havia sido enganada, mas tudo faz sentido. As aparições da rasga-mortalha começaram logo após a chegada de Tainara no cortiço e foi ela quem me contou toda aquela história sobre a Matinta-Perera e seu poder de realizar desejos. Teria ela colocado o rosário, a tesoura e a chave na minha antiga casa também? Tudo isso havia sido um plano dela desde o começo? Mas o que ela poderia querer de mim?

Sou arrancada dos meus pensamentos ao sentir suas mãos em meus ombros enquanto ela se aproxima de mim.

— Suponho que eu te deva algumas explicações, não é, Mara? Bem, como eu dizia, há uma parte da lenda da Matinta-Perera que eu não lhe contei e isso se refere ao momento da morte de uma Matinta-Perera. Veja, quando uma Matinta-Perera está perto da morte ela deve buscar uma pessoa para passar a sua maldição, a lenda conta que ela se esconde nas matas e pergunta repetidamente "Quem quer? Quem quer? " e a pessoa que responder "Eu quero" se tornará a próxima Matinta-Perera. No entanto, eu queria fazer diferente, eu não queria dar os meus poderes para qualquer um, então fiz um feitiço que me mostrasse uma pessoa que fosse parecida comigo, que fosse ambiciosa e astuta como eu sou, e na mesma noite em que eu fiz esse feitiço, sonhei com você. A partir daí, eu acho que você pode tirar as suas próprias conclusões, não é, Mara? Você é uma garota esperta, afinal.

Não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, NÃO!!! Isso não está acontecendo, não pode estar. Deve haver outra coisa, deve haver algo que eu possa dar em troca que não seja a minha vida. Deve haver uma maneira, tem que haver!

— Você está mentindo — minhas mãos tremem, eu suo. — Você está mentindo — minha respiração acelera, entrecortada. — Você está mentindo, você está mentindo, você está mentindo...

Eu não consigo pensar, o pânico dominou a minha mente. Eu só quero desaparecer, eu quero que isso acabe, eu quero acordar e descobrir que tudo isso é só um pesadelo.

Tainara se aproxima de mim, envolve seus braços em meu pescoço e deita sua cabeça sobre o meu ombro num

movimento que deveria imitar um abraço, mas só me faz sentir pavor e nojo. O modo com que ela zomba de mim fazendo algo que deveria confortar, mas só me machuca, é terrível. Eu me sinto nojenta, eu quero morrer.

— Shhh, querida, não chore. Eu prometo que vai acabar rápido, você nem vai sentir.

Ela sorri para mim novamente, um sorriso enorme, sádico, que me confirma que mais uma vez, ela mentiu. Com sua mão direita levantada, vejo, diante dos meus olhos, suas unhas curtas, bem cuidadas, tornarem-se enormes garras afiadas. Ela levou sua mão ao meu rosto, cobriu os meus olhos e prendeu suas garras bem onde o meu cabelo encontrava a lateral do meu rosto. Sinto o sangue escorrer pelo meu rosto em direção ao pescoço, junto às minhas lágrimas. Eu só posso soluçar baixinho. Sei o que vai acontecer, não adianta tentar impedir.

— Eu avisei você, Mara — eu chorei, eu posso ouvir o sorriso na voz dela. — Eu avisei que poderia não valer a pena, eu avisei para que você tivesse bom senso...

Ela moveu a mão. Sangue espirrou. Eu não conseguia enxergar. Eu gritei.

A cura que me quebrou

Hilary Mirella dos Reis Pantoja - 1EMAD

Ela andava por campos floridos, com o rosto ecoando felicidades. Seus passos leves mal tocavam a terra, como se seguissem a melodia que só ela conseguia ouvir. Colhia flores e frutos, já que eram sua refeição do dia.

No lugar onde ela andava colhendo flores, seus olhos brilhavam, reluzentes como as mais brilhantes luzes.

E assim ela avistou um nobre guerreiro, todo ensanguentado após uma guerra que ele havia enfrentado com temor. Ela com o carisma que tinha, resolveu ajudá-lo, levou-o para sua casa, uma caverna escura e fria.

Dia após dia, ela cuidava de suas feridas e lhe contava histórias sobre esperança, sobre como o mundo podia ser luz outra vez, mesmo depois de tantas guerras e perdas.

E ele ria, ele ria como se não houvesse o amanhã.

Ela se perdia no seu riso, no seu precioso sorriso.

Havia algo na doce menina que o guerreiro cobiçava. Não o carinho, nem as suas histórias.

Era seu poder, aquela habilidade, o dom de curar, de restaurar. Mesmo que tentasse resistir àquela vontade de ter algo que não era dele, ele não conseguia.

Ela o amava, e ela pensava que ele a amava, acreditava nos gestos e nas palavras.

E ele sorria, sorria com os lábios, porém não sorria com o coração.

E então, em uma noite, a doce menina adormeceu, o nobre rapaz se aproximou e puxou dela o que jamais foi lhe dado: sua luz.

Ela não gritou, nem acordou, apenas parou de sonhar. Quando a menina abriu os olhos, não havia cor, nem sentimentos, apenas um vazio que ecoava como flores murchas.

Os campos sumiram, o ar ficou pesado e a caverna, que antes considerava sua casa, agora se tornou prisão.

O seu amado já não estava lá.

Ele se fora com seu dom roubado.

E assim, com um gesto egoísta disfarçado de amor, seu amado nunca mais voltou.

Guarda-chuva

Isabelly Lohana Miranda Lima - 1EMBD

Plic... ploc... plic...
Cabrum... cabrum!
Ploc! Plic! Cabrum!

Era o som das gotinhas brincando no telhado da casa. Ah! Sem esquecer das pequenas trovoadas. Desta vez, elas não pareciam assustadoras. Lembrei de Enni, que falou algo sobre a chuva ser tipo um segredo que o céu não consegue conter para si. Eu chorei muito quando soube, pois pensei mais do que deveria. Às vezes, meus pensamentos escorrem como a chuva também.

Por falar nisso, havia algo faltando na cama, e eu sabia o porquê. Não gosto de deixar ninguém esperando, então precisava aproveitar enquanto o sol brincava de esconde-esconde com as nuvens para correr atrás daquela ausência. Ele ficava triste quando eu demorava. E, pra ser sincero, eu também. A cama fica muito vazia quando só tem travesseiro e silêncio.

Saí do quarto e desci as escadas pulando tal como o Saci, tentando colocar estas galochas amarelas que sufocavam meus pés. Uma vez eu avisei à mamãe que precisava de novas, mas acho que ela se esqueceu de ir comprar. Talvez ela tivesse mais coisas pra lembrar. O adulto anda com a cabeça cheia, por isso deixa cair os detalhes. Acho que meus pés são só um desses detalhes.

Tem dia que mamãe me chama de meu anjo. Tem dia que ela sequer lembra meu nome.

Sabe, percebi que os adultos vivem sempre com caras tristes. Eles nunca tentam salvar o mundo ou sobreviver a um apocalipse zumbi. Tudo o que se importam é com aqueles maquinários futurísticos, os quais nenhuma vez me deixaram chegar perto demais. Sempre dizem que são aparelhos malvados e perigosos, mesmo assim usam sem parar.

Não consigo entender a cabeça dos mais velhos.

O andar de baixo parecia vazio. Nenhum barulho vinha lá de dentro, só um silêncio estranho que fazia a barriga embrulhar. Um arrepio subiu dos pés até a nuca. Pensando bem, às vezes é melhor assim. Melhor do que ouvir a voz dos meus pais quando ficam bravos. Nessas horas, eles parecem esquecer quem são. Vou contar um segredo: sempre acabo chorando um pouquinho, porque dá medo.

Garotos não choram. Para ser sincero, não sei se é verdade.

Talvez o papai estivesse certo (ou não) quando disse isso.

Mas eu não sou garoto, sou criança. Pensei alto demais.

Eu deveria ter ouvido a mamãe, só ouvir e ficar quietinho. Minha bochecha ainda dói um pouco. Acho que ele só age assim porque me ama. É isso que falam. Só que Enni não concorda, que tem palavras que a gente diz só pra fora, mas que por dentro são diferentes. Depois entendi, um dia meu coração queria dizer tudo, minha garganta ficou apertada e nada saiu.

Fiquei na ponta dos pés, tentando alcançar o guarda-chuva velho que mora pendurado no cabide da porta. Antes eu tentava pular, mas caí feio da última vez. Às ve-

zes, penso que o colocam lá alto de propósito, pra eu não conseguir sair. Mas ouvi dizer que, se a gente quer muito uma coisa, tem que continuar tentando. Cai, levanta. Vai de novo. Até conseguir!

Quando finalmente peguei o guarda-chuva, abri a porta. O vento me abraçou de um jeito gelado, ainda assim reconfortante. Naquele dia, o mundo estava todo embaçado, igual quando a gente sopra no vidro e desenha carinha triste. Eu não queria me molhar. Mas já sabia que não dava pra evitar. O guarda-chuva é tipo promessa de adulto: diz que protege, mas sempre molha um pouco.

— Beto! — minha atenção se virou quando escutei uma voz vindo do meio do jardim.

Era o Enni. Estava todo encharcado e com as roupas sujas de lama, mas mesmo assim acenava pra mim, daquele jeito calmo que só ele tem.

Ultimamente, ele sempre aparecia do lado de fora. Nunca mais esperava por mim para a gente sair junto. Enni sempre foi meio diferente, como se morasse mais no céu do que aqui embaixo. Falava umas coisas bonitas que me deixavam pensando por muito tempo. Mas agora... agora ele andava mais quieto, mais afastado. E eu senti falta dele, mesmo sem dizer.

Me aproximei devagar e estendi o guarda-chuva até ele, tentando cobrir nós dois. Olhei pra ele, preocupado:

— Por que você não me esperou? Ficou todo molhado.

Enni olhou pra frente por um tempinho, com o olhar parado, como se visse alguma coisa que só ele via. Depois, disse:

— Às vezes, Beto... tem gente que não quer que a gente fique dentro. Aí aprendemos a esperar do lado de fora — disse Enni com um sorriso sutil, encarando meus olhos. — Mas tudo bem. A chuva não machuca tanto quando você tem pra onde voltar.

Eu quase nunca entendo de primeira o que o Enni quer me mostrar. Acho que é tipo uma sementinha que ele plantava na minha cabeça. Fica lá quietinha por um tempo, e um dia — *plim* — cresce junto comigo. Às vezes, penso que vou lembrar das coisas que ele me diz quando eu ficar grande, mesmo que agora pareçam confusas, tipo sopa misturada com sorvete.

Não sei como ele me entende tanto. Nem a mamãe nem o papai conseguem. Eles dizem que me amam… e ainda, de vez em quando, o amor deles parece estar sempre indo trabalhar ou tirando férias. Um amor que está com pressa, sabe? Eles me escutam com os ouvidos, nunca com o tempo. O do Enni não. O dele escuta até o que eu não falo.

— Por que você não vem pra dentro comigo? Eu posso tentar fazer um chocolate quente… daquele jeito que a gente inventou! Ou a gente pode só ficar quietinho vendo a chuva cair, como você quiser.

Ele parecia tristonho. Os olhinhos de jabuticaba dele já não brilhavam mais como antes, e meu peito ficou apertado igual quando a gente prende a respiração pra brincar no mar. O Enni só olhava para o chão, tentando segurar alguma coisa que queria escorrer pelos olhos. Será que foi culpa minha? Será que eu falei algo errado sem querer? Eu juro que nunca ia querer machucar ele, nunca!

— Escuta... Eles não me querem aqui. Já não posso mais ficar com você — ele falou baixinho, como se tivesse medo da minha reação. — Precisa continuar sozinho.

Sozinho? Mas eu nem sei o que fazer sem ele. Não quero ficar sozinho. Por que dizer essas coisas tão ruins? Eu achava que ele era diferente... mas agora ele também quer ir embora. Igualzinho ao papai e à mamãe. Todo mundo sempre vai embora. Até ele. Enni era quem não me deixava cair quando tudo balançava. E se ele for embora mesmo... o que é que vai sobrar?

— Você... Você não...

— A culpa nunca foi sua, Beto.

Mais uma vez, estava chovendo. Mesmo que o guarda-chuva estivesse aberto, senti as gotas sobre minhas bochechas, a respiração irregular. Aquela sensação apertada na garganta veio de novo. Meus pensamentos pararam assim que senti meu corpo ser acolhido em um abraço quentinho enquanto o guarda-chuva caía. A culpa não era dele... Eu sempre soube, mas quis negar.

...

...

...

Eu não queria te deixar ir.

E sei que você também não queria me deixar.

Mas tem coisas que a gente não consegue impedir.

— O que a gente combinou, Beto? Larga isso agora!

O coelhinho saiu dos meus braços como se voasse, ele foi parar do outro lado do quintal, onde afundou na lama. Juro que tentei segurar, mas ela foi mais forte. O papai estava certo: *eu sou um fracote*. Não fui capaz de proteger o

meu melhor amigo por medo. Papai vai ficar furioso quando a mamãe contar, porque ele sempre detestou o Enni. E eu nunca entendi a razão.

— Desculpe, mamãe...

— Está de castigo, entendeu? Não vai mais sair do seu quarto para brincar aqui fora até aprender a ouvir.

Eles nunca me ouviram... Mesmo assim, nunca ficaram de castigo ou pediram desculpa. Enni sabia sobre o que dizia, e eu sabia mais do que pensava saber. Os adultos esquecem como é ser criança e ficam bravos com a gente porque o tempo deles já passou. É difícil chorar sem alguém te olhar feio ou sorrir muito sem te julgarem. Talvez seja isso mesmo.

Antes de entrar com a mamãe, olhei pra trás, só mais uma vez.

O Enni ainda estava lá com o guarda-chuva. No meio da lama, mas sorrindo. E com a mãozinha levantada, se despedindo.

Eu tentei proteger o Enni. Mas acho que ele nunca existiu do lado de fora. Era tipo um segredo escondido num bolso furado. Talvez ele sempre tenha sido só aquilo que eu precisava quando todo o resto estava muito escuro. E tudo bem. Juro que tudo bem. Só que... agora que ele se foi, parece que uma parte de mim também foi junto. E eu ainda não descobri como se conserta isso.

Acho que o Enni sabia desde o começo.

Que um dia eu ia crescer. E deixar ele pra trás.

O que ele não sabia... é que eu não queria.

A sombra de Odin

Louise Bastos de Oliveira - 1EMAC

Depois de tempo o suficiente para uma floresta inteira se formar, os cerúleos olhos do príncipe caído finalmente se abriram.

Sua aparência já não era a de um indefeso e ingênuo menino, aquele que fora condenado pelos próprios pais a dormir eternamente, mas a de um jovem crescido, belo e imponente. Um verdadeiro deus nórdico.

Draumnr sentiu o frio cortar-lhe os ossos através das vestes rústicas que usava, quando algo o fez estremecer: um pequeno corpo jazia sobre ele, sangrando, tingindo a neve de vermelho.

Comovido, Draumnr se ergueu, os sentidos ainda turvos. O instinto falou primeiro — estendeu as mãos e murmurou palavras esquecidas, vindas de memórias de uma infância não vivida, mas transmitidas magicamente pelos poderes concedidos a ele por ser o filho bastardo de Odin e Hel, fruto de uma noite de prazeres sórdidos.

A magia pulsou.

O sangue estancou.

A criatura — seja lá o que fosse — era indefesa, digna de viver.

Cortando um dos afiados galhos de um dos larícios, fez um corte profundo em seu pulso, fazendo-o sangrar e despertar. E fez jorrar o sangue dele sobre o torso da indefesa criatura.

Já desperto, o frio não lhe causava dano algum e, tendo retomado a consciência, a primeira coisa que fez foi

construir para si com seu poder uma pequena casa feérica, onde também gerou móveis simples de madeira e acomodou a jovem criatura. Após acomodá-la e imobilizá-la devidamente para que não fugisse, ele caminhou para fora da cabana e foi ter com a Terra, cavando tão fundo na neve até que pudesse sentir o chão da Floresta Negra para que tomasse conhecimento de onde ele estava.

— Ordeno-te que digas onde estou — disse em tom ríspido, se conectando com a Terra e tomando ciência de que ainda estava aprisionado na Floresta Negra. Mas ainda não entendia qual das bruxas ousou desafiar Odin e Hel, acordando-o. Pobre Draumnr, jamais sonharia que o motivo de sua liberdade jazia na casa que construiu, bem à sua frente, como um anjo injustiçado.

Já se passaram 222 anos desde a última vez que esteve desperto. Impaciente e preocupado, ele elimina os vestígios de que passou por ali e volta para a sua cabana, encontrando a criatura com uma aparência melhor, com as feridas já curadas, ainda que visivelmente desnutrida. Em seu âmago, ele se questionou se estava agindo de maneira inteligente, mas decidiu mantê-la sob seu domínio por não acreditar que ela fosse uma criatura poderosa, porque, caso contrário, não teria sido deixada para morrer esfaqueada sobre o túmulo do filho bastardo de um deus. Ainda mais considerando que ele é uma criatura amaldiçoada e temida por todos os seres místicos que habitam a Floresta Negra.

Encarando-a pelo que se pareceram horas, ele percebeu que a delicada criatura lhe causava estranheza. Pelo que se lembrava, nenhuma das mulheres possuíam a mesma aparência que o estranho ser deitado em uma das ca-

mas feitas por ele. A pele da encantadora criatura tinha o brilho morno da castanha caída e os lábios dela beiravam o roxo, mas se desvaneciam em um rosa pálido nunca visto antes. Curioso, ele decidiu chegar perto e tocar o rosto dela. Ela não parecia real, reunia a beleza de um elfo com tons exóticos.

Por estar há várias noites atormentado pelo sentimento de solidão e, agora, curioso em saber quem é a intrigante jovem de quem tem cuidado, Draumnr optou por sair poucas vezes para caçar e preferiu se estabelecer na casa feérica isolada até que a pequena jovem se recuperasse. Já tendo percebido que ela só se aquecia em seus braços, tornou-se um costume para Draumnr deitar-se de costas para Liraeth, até que, em uma noite depois de muitas outras esperando que ela não acordasse, Liraeth desperta de sua fraqueza, assustada. As memórias de quando ela foi espancada e esfaqueada covardemente sobre o túmulo de Draumnr ainda a apavoravam, assim como a lembrança das inúmeras humilhações sofridas ao longo de seus 197 anos de vida, como fantasmas que a perseguiam.

Pensando em fugir, Liraeth se esforçava para manter a respiração regulada, deslizando entre os lençóis. Para seu fracasso, a curiosidade de saber como era o rosto do príncipe caído foi muito maior. Delicadamente, ela engatinhou até bem perto dele, observando suas feições. A beleza dele realmente só poderia ser a de um deus, um convite para o pecado. Ao virar-se para fugir, ela sentiu uma mão forte puxá-la para trás.

— Eu imploro por misericórdia. Se você me deixar fugir, eu prometo sumir da Floresta e nunca mais procurar

você — Liraeth implora em sua voz trêmula, não se virando para olhar para ele. Afinal, diziam por toda a Floresta Negra que a beleza do filho bastardo de Odin era tal que queimava os olhos e o coração de qualquer jovem elfa que ousasse olhar para ele.

Divertindo-se com o pavor dela e já profundamente encantado, Draumnr falou:

— Não te contaram que quem vai te matar sou eu? — ele disse em um tom cínico, segurando o pulso dela. Ele sentiu seu desespero e se sentou bem atrás dela, decidindo repousar a mão livre ao seu lado.

— E nem pense em chorar... Você sabe quem é a minha mãe. Você será a atração do submundo. Eu aposto que eles nunca viram algo parecido com você — continuou, até perceber que a pressão da garota abaixou, soltando-a. Ela saiu disparada como um coelho assustado, mas antes que sequer atravessasse a casa, ele agarrou seu pulso novamente com um sorriso, vendo-a se ajoelhar, o que o faz sorrir internamente.

— Eu imploro, Senhor Draumnr, eu faço qualquer coisa para que você me deixe fugir — Liraeth implora suplicante, assustada e confusa. Muito ingênua, pobrezinha. Estava com tanto medo que sequer pôde pensar que, caso quisesse matá-la, já teria feito isso na noite em que ela o despertou.

Vendo o pavor em seus olhos, ele se sente comovido com a fragilidade dela, puxando-a para a cama e rindo dela, que adquire uma carranca enquanto ele deixa claro que jamais a machucaria.

E depois dessa noite, as coisas começaram a mudar. A parceria entre os dois se tornou quase que uma necessidade para ambos. A maneira como Draumnr contava a ela sobre como ele se sentia abandonado e solitário permitia que Liraeth contasse pela primeira vez a sua história, desde sobre como passou a vida inteira crescendo como uma aberração até quando foi covardemente esfaqueada por acidentalmente ter despertado Draumnr. As noites de inverno passaram a ser mais quentes por conta dos suspiros sobre a profunda tristeza que ambos sentiam e os olhares intensos que compartilhavam quando contavam suas desgraças e tentavam não quebrar um na frente do outro. Liraeth dizia a si mesma que não devia confiar em alguém de berço traiçoeiro como Draumnr, mas toda vez que o via apavorado com as memórias de sua curta infância, ele deixava de ser um deus para ela e tornava-se apenas um homem com a beleza do inverno sem aquele frio solitário.

Quando o risco de serem pegos tornou se maior desproporcionalmente, Liraeth e Draumnr decidiram que o melhor a ser feito era tramarem contra a bruxa-mãe. Ambos começando a treinar em todas as tardes sobre os lagos congelados. Draumnr podia ser terrivelmente inexperiente e impulsivo, mas Liraeth conduzia as aulas com maestria, também aprendendo com ele a usar a sua força e não permitir que o medo a paralisasse. E quando a floresta escurecia completamente, os treinos tornavam-se em um simples jantar a fogueira, cheio de promessas sussurradas e um calor estranho ao inverno.

Quando semanas já haviam se passado e a sincronia entre ambos em combate era quase matrimonial, Draumnr

e Liraeth prepararam a emboscada. Se a bruxa-mãe pretendia achar Liraeth para lhe fazer o mal, ela também encontraria o caminho para o submundo, guiado pelas mãos de Draumnr. Quando Liraeth corria despreocupadamente pela floresta fingindo estar apanhando folhas para torná-las em roupas, a bruxa surgiu como o esperado. E quando a bruxa pegou as sementes amaldiçoadas, a adaga mágica de Draumnr já traspassara as entranhas da bruxa, que caiu sobre a figura ofegante e um pouco desdenhosa de Liraeth, que sentiu o seu rosto esquentar quando Draumnr sorriu para ela e apanhou os pertences mágicos da bruxa.

— Suba nas minhas costas. Nós vamos para o coração da Floresta Negra hoje à noite. — Draumnr diz entusiasmado, os olhos azuis brilhando de felicidade pelo triunfo.

— E a comida? Você vai caçar para mim depois, não vai? — Liraeth diz em sua voz doce e suave, subindo nas costas de Draumnr, que sequer sente o peso dela.

— Só se você matar outras quatro bruxas, fadinha. Senão, você vai dormir com fome — Draumnr responde sarcasticamente enquanto agarra as pernas dela.

— Não conte com a possibilidade de eu não trair você e deixar você de merenda para elas. Você sabe, acho que elas gostariam de ter um príncipe do mal bonitinho como sacrifício para algum deus aleatório — Liraeth debocha, apertando a orelha dele, que grunhe e continua andando.

— Você foi ótima conjurando a magia que me tornou invisível. Quando chegarmos lá, eu quero que você fique perto de mim. Eu não acho que conseguiria sozinho. — Draumnr admite enquanto acaricia a parte de trás da perna de Liraeth, carregando-a nas costas.

— Não esqueça de usar sua magia também...Vai ser mais difícil para nós dois lidarmos com quatro bruxas ao mesmo tempo, Draum. — Liraeth murmura antes de cair no sono e permitir que seu rosto descanse ao lado do pescoço de Draumnr.

Após a neve cair durante o que pareceu com uma eternidade, eles finalmente chegam perto do coração da floresta onde as bruxas residem. Draumnr acorda Liraeth e a põe no chão entre as árvores com cuidado.

— Você é boa, fadinha. Muito boa. Mas eu quero que você tome cuidado, okay? Se as coisas ficarem difíceis, corra. Eu me conectarei com a terra e protegerei você. — Ele diz ansiosamente. Nervoso porque sabia que ela estava nervosa e ele tinha que parecer calmo para que ela ficasse calma, tomando-a pelo braço e encostando o queixo no topo da cabeça dela enquanto brinca com as bochechas dela.

— Oh, eu não abandonaria você. Além do mais, você precisa de mim. Eu é que conheço essas terras. — Liraeth diz risonha e corada pelas palavras dele, abraçando-o. Mas então ela vê o punhal dele caindo de dentro da roupa dele e seu sorriso se desfaz. Ela sabia que ele pretendia lutar contra Odin e Hel. Mas a ideia de ele correr perigo a amedrontava.

— Você promete que vai ficar bem? — Liraeth questiona, enquanto seu tom de voz se torna melancólico e ela se deita no peito dele.

— Você está comigo nessa, é claro que vamos ficar bem, Lira. — Draumnr murmura abraçando-a de volta.

Liraeth olha para ele em silêncio, observando como os fios negros como a noite fazem um lindo contraste com a neve e os olhos dele realmente são o reflexo do céu nas noi-

tes de inverno. Sem dizer mais uma palavra, mas dizendo tudo com os olhos, eles se levantam e, ao ouvirem o som das bruxas-mãe gargalhando, souberam o que deveriam fazer.

Liraeth pega as sementes amaldiçoadas e as lança no chão abaixo de por onde as bruxas voam, capturando-as nas enormes árvores mágicas que crescem. E em uma sincronia admirável, Draumnr e Liraeth conjuram uma magia e abrem um portal para o submundo, quebrando as correntes que prendem os monstros aprisionados pela mãe de Draumnr. Uma tempestade forma-se no céu de toda a região ao redor da Floresta Negra, avisando-os de que há uma enorme confusão no planeta e no submundo.

Todos os deuses e seus subordinados descem à Terra para lutar contra os monstros, resultando em inúmeras mortes. Enquanto a tragédia se alastra pela Floresta Negra, Draumnr e Liraeth fogem para o seu pequeno e oculto abrigo, onde se transformam em terra e neve para que possam dormir um sobre o outro enquanto o mundo ao seu redor se desfaz. Enquanto a floresta quase é destruída por séculos, ambos permanecem ocultos, retornando à forma física depois que Hel está morta e Odin se torna apenas um servo de Baldur — o Deus da Luz, Pureza e Inocência.

A última decisão

Luara Maria Chaves da Silva - 1EMBD

Era quase 17h quando a ansiedade chegou.

Ela, com seus olhos presos nos dois ponteiros do relógio à espera do momento em que se sobrepusessem. Poderia finalmente ir para casa e deixar as preocupações longe da mente. Sinal toca, e os alunos já se organizavam para ir.

— Finalmente, já não aguentava mais esperar — diz Louise à sua amiga.

— Ah amiga, você fala isso todos os dias, nem parece que gosta de estudar — Lua fala brincando.

— Anda, vamos logo. Deixa de palhaçada, tenho que ir pra casa — retrucou, puxando Lua em direção à saída.

No meio de tumulto e falatórios, Louise se despediu de sua amiga, pôs seu fone nas alturas a ponto de não conseguir escutar mais nada ao seu redor. Durante sua caminhada, começou a relembrar de tudo que já passou, fruto da sensação de nostalgia que o MPB proporciona a quem o ouve. Naquele momento, só conseguia pensar na pessoa que mais amava e que sempre a apoiava em todas as suas decisões, sua tão amada vó. Já havia um tempo que não a visitava devido à rotina tão corrida, não lhe sobrando tempo.

Ela pausou a música por um tempo e começou a pensar se teria como voltar no tempo: um aperto no peito, a saudades de momentos que não poderia viver mais, o abraço de aconchego, o cheiro perfumado de rosas e a sensação de estar em casa.

Pra ser sincera, tem sido uma semana difícil, e não é fácil suportar tudo sozinha. Eu preciso ver minha vozinha, não

a vejo há tanto tempo. Tenho certeza que depois de passar lá eu hei de me sentir melhor, pensa.

O pensamento soou estranho, pois costumava vê-la todos os dias. Ela logo se preparou para ir ao lar, o lugar de segurança... Chamou um uber e não esperou por muito tempo até estar diante da janela, com suas pernas balançando no ritmo de uma música agitada e seus olhos como se não soubessem para onde mirar. Sentiu como se fossem se derramar rios de seus olhos, porém aguentou firme até chegar ao seu destino. Parando o carro, saiu apressada como se esperasse por esse momento durante uma eternidade. Vendo-a, correu depressa para abraçá-la, dizendo:

— Vó, eu senti tanta sua falta. A senhora não tem ideia do quanto, me desculpe pela demora... mas agora eu tô aqui! — Louise disse, soluçando, quase sem fala.

Sua avó respondeu:

— Oh minha filha, a vovó está aqui. Não precisa chorar, filhinha, você sabe que isso não é real. Dessa vez, não vou poder te apoiar na sua decisão, você precisa superar, eu não estou mais aqui!

Então Louise sente a mão de sua avó tocar em seu ombro, como se fosse uma despedida, só que daquela vez se tornaram eternas as saudades...

— Vó, por que você? Eu não posso te deixar ir, eu não posso suportar a dor de te perder!

— Minha filha, um dia você entenderá. Nós não vivemos para sempre, a despedida sempre é dolorida, porém chega um momento em que você precisa se curar e seguir em frente...

— Mas...mas a senhora tinha dito que estaria na minha formatura, que estaria na plateia pra me aplaudir...

— Ah, como eu gostaria de te ver e te aplaudir, minha neta, mas você sabe que eu sempre vou estar com você. Mesmo que não seja presencialmente, eu sempre vou estar no seu coração e nas boas memórias vividas ao seu lado. Agora você precisa ir.

Tudo ao seu redor se desfez como fumaça, fazendo tudo se tornar neblina. Olhou ao redor com os olhos ainda cheios de lágrimas, sentindo-se perdida, mas, num instante, Louise acorda como se estivesse fora de si. Por um tempo, se ajoelhou em lágrimas diante do que mais a inquietava-a, o caixão de sua avó.

Ela não havia se preparado para o momento em que perderia a pessoa mais importante da sua vida. Em meio a um choro compulsivo, impossível de controlar, logo percebeu que era a pior sensação que já tivera, apenas lembranças de seu subconsciente, de quando pôde vê-la uma última vez. Para a saudade não levá-la de vez, a partida não a matou, porém naquele exato momento algo havia morrido dentro de si. A lembrança novamente assolou sua mente, na forma das últimas palavras de sua avó direcionada a ela:

— Filha, você não viverá essa vida outra vez, então por favor, seja feliz, realize seus sonhos e jamais esqueça a *vovó te ama* muito!

— Era só um dia comum e a morte chegou, roubou sua vida e levou-a de mim, não vou conseguir olhar suas fotos e pensar que foram as únicas memórias que restaram de você...

Sua amiga se aproximava com a intenção de consolá-la. Mesmo com lágrimas no rosto, abraçou-a:

— Ei... pode chorar, derramar rios de lágrimas, eu tô aqui. Uma vez eu ouvi que as lágrimas lavam a alma.

— Ontem eu sentia que estava bem, mas hoje meu mundo está desmoronando, eu não estou conseguindo dar conta de mim mesma.

— Sabe, Louise, Mateus 5:4 diz que são felizes os que choram, pois serão consolados. Não deixe a dor te parar, mas lembra do que a sua avó sempre dizia: "você só tem essa vida pra viver, então faça com que ela seja sua".

Das saudades que mais esmagam o peito, a do luto de uma vida que não se pode mais viver e compartilha-lá com quem mais ama é a mais dolorida. Em meio ao arrependimento mútuo, a melhor decisão a ser tomada é deixar ir.

Em busca de redenção

Maria Eduarda Santos - 1EMAB

Lembro-me quando eu e minha irmã éramos inseparáveis. Dividíamos tudo, fazíamos tudo juntas, ela sabia todos os meus segredos e eu os dela. Lembro das vezes quando uma encobria a outra para sair até a rua e brincar com os nossos amigos, ou quando aprontávamos alguma coisa na escola, ou quando algum vaso de plantas da mamãe quebrava por algum acidente...

Era um tempo muito bom. Até que, em uma manhã qualquer das nossas férias escolares, combinamos de passar uns dias no sítio dos nossos avós. Bianca andava de um lado para o outro no nosso quarto, pegando roupas e mais roupas, às vezes desistia no meio do caminho e deixava uma peça largada aqui e ali no cômodo. Minha irmã sempre foi assim, bastante entusiasmada e extrovertida, com uma facilidade incrível de fazer amigos e se comunicar, diferente de mim, que mesmo sendo a mais velha mesmo que por um ano, sempre fui mais na minha, mais quieta, menos falante, mais sem graça. Não que eu tivesse vergonha, ou que fosse tímida, eu apenas não tinha a energia dela, tinha uma quantidade de amigos razoável e estava satisfeita. Mesmo assim, sempre admirei minha irmãzinha.

— Ei, Camila! Tá me ouvindo?

Sou despertada dos meus pensamentos com a voz de Bianca me perguntando qual dos seus sapatos iria ficar melhor com a roupa que ela havia escolhido para a viagem. Escolhi o tênis azul clarinho e ela sorriu satisfeita. A via-

gem não era tão longa, mas eram consideráveis horas de carro na estrada até chegar na casa dos nossos avós.

Só de me lembrar, me sentia um pouco perdida.

Eu sempre gostei de lá, porém nunca me senti muito acolhida pela minha avó. Ela era um doce, mas a preferida dela era a Bianca: sempre elogiava ou dava mais atenção a ela. Não me importava muito, afinal não era novidade, elas eram bem parecidas, ambas falantes e agitadas. Já eu passava mais tempo com o vovô: costumávamos sentar na varanda e ele me contava as histórias mais malucas da sua juventude, ou me levava até a garagem e me presenteava com os brinquedinhos e esculturas de animais de madeira que ele mesmo fazia. A minha preferida era um pequeno cavalo.

Chegamos bem a tempo do almoço daquele dia. Como de costume, fomos recebidos com muita alegria e logo deixamos nossas coisas no quarto e descemos para comer. Todos estavam na sala de janta, meus pais ajudando a pôr a mesa, Bianca contando uma de suas aventuras da escola para a vovó e o vovô. A comida estava ótima, eu sempre amei a comida da minha avó, ela tinha um amor muito grande para cozinhar. Gostava principalmente dos seus bolos e doces, eram uma delícia.

A tarde foi cheia de risos e conversas, teve até um momento em que brincamos de jogo de tabuleiro. Os próximos dias não foram diferentes, mas em uma dessas tardes, chamei Bianca para brincar. A garagem era o nosso lugar preferido, e mesmo por levar esse nome, não havia carro para guardar. Meu avô tinha a mania de deixar a caminhonete dele do lado de fora e fazia da garagem uma peque-

na oficina improvisada. Havia alguns brinquedos antigos nossos em algumas caixas, pegamos algumas bonecas de quando éramos crianças e começamos a brincar.

De repente, ouvimos uma agitação, um grito, um cheiro estranho, era fumaça? Mamãe apareceu ajudando a vovó a sair da casa.

Fico sem reação. Sim, era fumaça, e eu e Bianca ficamos paralisadas. Antes da mãe aparecer e gritar pela gente, mal saímos e conseguimos ver que a situação estava descontrolada. Meu pai e meu avô corriam de um lado para o outro, minha mãe ligava para os bombeiros apesar do nervosismo. No meio da correria, lembro da peça de madeira em formato de cavalo que tinha deixado na cadeira que ficava ao lado da porta de entrada.

Não sei o que se passa na minha cabeça. Um impulso me leva a sair correndo até a entrada coberta por fumaça, os gritos da minha mãe ficaram abafados, meus pensamentos estavam longe demais para ouvi-los. Entrei rapidamente, demorou para encontrar a peça, não conseguia enxergar direito, não conseguia respirar. Ouvi as tábuas da casa caindo quando encontrei o cavalinho bem onde lembrei de ter deixado. Logo em seguida vi alguém entrar, me tirar do chão e me levar para a saída.

Era o vovô.

Ele parecia desesperado, ele e o pai eram os últimos a sair da casa. Papai estava na nossa frente, e em questão de segundos vi uma tábua do teto se desprender. Antes que eu pudesse gritar, fui atirada fora da casa, caindo na grama. Não via o vovô, só meu pai ao tentar correr de volta,

mas as chamas estavam altas demais e a passagem estava bloqueada.

Meu coração batia devagar como se fosse parar, um zumbido invadindo minha audição. Meus joelhos ralados quase nem doíam, as luzes do carro de bombeiros refletiam no chão. Havia gritaria quando fui carregada para longe, sem me dar ao trabalho de ver quem estava me levando.

Simplesmente era incapaz de falar algo. Minha visão ficou turva e não tinha controle sobre as lágrimas. Apertei o cavalinho com força, o maldito cavalo, o que tinha dado em mim? Por que tomei a atitude estúpida de entrar lá? Não o via... não conseguia ver meu avô... eu era a culpada, eu tinha feito aquilo por um objeto ridículo, e então via as chamas consumindo o ambiente em que eu cresci, as memórias boas, tudo se perdendo, inclusive meu avô, naquele fim de tarde de um domingo.

Meses se passaram, a casa ficou destruída. Pelo o que eu soube, um curto circuito foi a causa. Uma coisa tão pequena havia destruído tudo o que eu conhecia. Vovó veio morar conosco, meus pais falaram que é possível reconstruir, mas acho difícil a vó voltar àquele lugar, não seria fácil morar sozinha. Em casa também não estava fácil, no velório eu tinha ouvido cochichos, falavam de mim, uma criança tola, que por falta de noção levou a vida do avô. Meus pais me confortaram falando que foi um acidente, mas eu sei a culpa que carrego, aquele cavalinho é a única lembrança que tenho dele.

As brigas se tornaram frequentes em casa, o que não era comum, a nossa vida estava desmoronando aos poucos, que nem a casa dos meus avós.

Minha irmã também se afastou, as coisas ficaram tensas entre a gente, ela me culpa? Eu não tinha certeza, até em uma de nossas discussões ela gritar comigo e me acusar de ter matado nosso avô, que a nossa família estava do jeito que estava era por minha causa. Foi o suficiente para acabar comigo, minhas notas haviam abaixado e já fazia um tempo que eu não ia para a escola.

Três anos após o acidente eu fugi de casa. Aos dezessete, fiquei um tempo na casa de uma amiga que já era maior de idade e aguentei por alguns meses até fazer dezoito. Depois disso, eu dei sinal de vida para minha família já que havia deixado apenas uma carta e nada a mais. Consegui um emprego na loja de família dessa mesma amiga e fiz faculdade, mas me recusei a voltar para casa.

Não era mais a minha casa, eu não me sentia bem, sei que poderia ser coisa da minha cabeça, mas não conseguia evitar os olhares, a culpa. Cinco anos se passaram, consegui uma vaga de emprego em outro estado, minha vida estava bem se desconsiderar que eu ainda tinha pesadelos à noite e vivia uma vida levemente solitária. Eu estava ótima e para provar isso eu aceitei o convite da minha mãe para passar o natal em família.

A casa estava diferente, as paredes tinham uma cor nova e os móveis não eram os mesmos. Alguns quadros decoravam a casa toda, mas um chamava a minha atenção, um com meus pais, minha irmã e avós antes do acidente, todos felizes. Minha avó havia falecido uns anos atrás, eu não estava mais na cidade, e era a última vez que eu tinha estado aqui. Durante o jantar, minhas mãos tremiam, estava nervosa, minha família toda estava lá, tios e primos,

Bianca chegou logo depois com seu namorado. Era estranho ver isso, eu costumava saber de tudo, ela me contava tudo, e ali eu mal sabia quem era minha irmã.

A noite se passou em um borrão de conversas e risadas, acho que consegui relaxar um pouco, especialmente por ter ido a um café que visitava muito na minha adolescência, para falar com Bianca, nossa mãe nos disse que precisávamos conversar, afinal ela era minha irmã. Foi estranho no começo, e as coisas pioraram, a verdade é que após isso as nossas diferenças só aumentaram e eu não a reconhecia mais. No ano seguinte, por algum milagre eu consegui me aproximar o bastante de Bianca a ponto dela me convidar para seu casamento, seria um sinal de paz? Uma última tentativa de resolver as diferenças entre nós? Seríamos uma família novamente? Nunca consegui descobrir, meu trabalho me ocupou e eu não conseguiria horário vago para ir, acho que isso deixou uma má impressão.

Depois de uns meses decidi viajar para minha cidade natal, talvez fazer uma surpresa, e finalmente acertar as coisas, estava feliz, era uma escolha minha que em muito tempo me dava esperança. E do mesmo jeito rápido que eu tomei essa escolha, as luzes de emergência do avião acenderam, eu tinha sentido a turbulência mas pensei que não era nada demais, até ouvir os gritos, os mesmos gritos desesperados daquele fim de tarde, a aeronave estava caindo. A notícia do acidente trágico passou em todas as notícias, minha família não sabia, mas eu estava no meio dos destroços, por eles.

Agora Bianca está de frente ao meu túmulo. Desde que contataram minha família sobre o acidente, ela veio

deixar flores para mim durante os últimos quatro anos. Ela se abaixou diante da lápide, uma expressão vazia no rosto, sempre me pergunto se nesses momentos ela fica relembrando da gente, na nossa infância, quando tudo era normal. Uma vozinha de criança a tira dos seus pensamentos, um garotinho de cabelos encaracolados e olhos claros, se parece tanto com ela. Bianca segura o menininho e sai com o filho no colo.

Será que ela sabe que eu estava voltando para vê-la e me desculpar por todos os anos afastada e sem dar notícia? Que eu queria pedir desculpas por tê-la abandonado quando saí de casa? Será que ainda sentia rancor de mim? Eu só queria voltar, me sentir em casa novamente.

A verdade é que eu já estava morta por dentro muito antes do acidente, deixei a mágoa e a raiva tomar conta de mim por um longo tempo, e do que adiantou? Fugi da minha família, do meu passado e agora é tarde demais, nunca irei saber as respostas das minhas perguntas porque deixei o remorso controlar minha vida.

A caminho da casa de campo

Maria Eduarda da Silva Afonso - 1EMBB

— Alô? Kyle? — perguntou o pai, aflito.

— Sim, pai. O que houve? — respondeu Kyle, preocupada.

— É a avó de vocês... O câncer avançou. Ela está morrendo. É melhor virem logo.

— Meu Deus... Vamos hoje à noite. Vou avisar a Bella — disse Kyle, desligando com o coração apertado.

Kyle ficou por alguns segundos parada. Com o coração apertado, respirou fundo e caminhou até o quarto onde Bella descansava, exausta do trabalho.

— Bella... — chamou, com a voz trêmula.

A irmã se sentou devagar, notando a expressão abatida de Kyle.

— O que foi?

— É a vovó... O câncer avançou. Ela está nas últimas. Precisamos ir agora.

Bella levou a mão à boca. Por um instante, o silêncio pesou entre as duas.

— Eu... vou arrumar as malas — disse, num sussurro.

Kyle assentiu.

Dessa forma, elas arrumaram as malas e partiram tarde da noite, por volta das 23 horas. A viagem de carro teria duração estimada de seis horas.

— Não gosto de viajar de madrugada... Tudo parece tão sinistro — comentou Bella.

— Eu sei. Também acho, mas infelizmente não temos outra opção — respondeu Kyle.

Assim seguiram viagem, deixando a cidade para trás.

Três horas depois...

— Ótimo, o sinal parou de funcionar — disse Bella, entediada.

— Claro, estamos no meio do nada. Era óbvio que isso aconteceria em algum momento — replicou Kyle.

— Um posto de gasolina! Vamos parar ali. Estou com fome e preciso ir ao banheiro! — exclamou Bella, empolgada.

— Está bem. Vou encostar no posto para abastecer e aproveitar para comprar alguns salgadinhos. Assim, teremos algo para comer durante o restante do trajeto — disse Kyle, demonstrando cansaço.

Pararam no posto e entraram.

— Boa noite, gostaria que liberasse a bomba dois, por gentileza — pediu Kyle.

— Olá, boa noite. Claro, desejam mais alguma coisa? — respondeu a funcionária do caixa.

— Sim, vamos pegar algo para comer também — disse Kyle.

— Vou ao banheiro. Estou precisando urgente — declarou Bella.

— O banheiro fica do lado de fora — informou a funcionária.

Bella afastou-se e foi até o banheiro.

— Meu nome é Annie — disse a atendente do caixa.

— Que nome bonito. Você não acha um pouco sinistro trabalhar aqui durante a madrugada? Ficar sozinha até o amanhecer... — comentou Kyle, enquanto escolhia alguns salgados.

— Um pouco, sim. Mas, com o tempo, você se acostuma. E você? Não sente medo de viajar tão tarde? — indagou Annie, curiosa.

— Não. Estou com a minha irmã — respondeu Kyle, dirigindo-se ao caixa.

— Também tenho um irmão. A presença dele me ajuda a não sentir tanto medo — afirmou Annie, sorrindo.

— Sério? E onde ele está? — perguntou Kyle.

— Bem, ele... — começou Annie, mas o retorno de Bella a interrompeu.

— Voltei. Já terminou de pegar tudo? — perguntou Bella.

— Sim, agora só falta abastecer e seguir viagem — respondeu Kyle, enquanto pagava.

— Tenham uma boa noite — desejou Annie, ainda sorrindo.

— Para você também — responderam Bella e Kyle, indo em direção à bomba que abastecia o carro.

— Vamos sair daqui — disse Bella, visivelmente inquieta.

— O que aconteceu? — questionou Kyle.

— Quando fui ao banheiro, tive a sensação de ser observada — contou Bella, desconfiada.

— Relaxa. Deve ter sido só impressão. Não tem como alguém estar te espionando aqui, no meio do nada — respondeu Kyle, tentando tranquilizá-la.

Cerca de uma hora depois, Bella adormeceu. Kyle, ainda atenta à estrada, percebeu que algo estava errado com o carro. Poucos minutos depois, o veículo parou de repente. Ela desceu para verificar.

— Droga... — murmurou Kyle, examinando o motor, visivelmente preocupada.

Bella, sonolenta, acordou e desceu do carro, esfregando os olhos.

— O que houve?

— Não sei ao certo. O carro simplesmente parou do nada — respondeu Kyle.

Bella pegou o celular na esperança de conseguir sinal, mas continuava sem conexão.

— Continuamos sem sinal. Não conseguiremos ligar para um mecânico — disse Bella, frustrada.

— Perfeito... No meio do nada, sem sinal e à noite — resmungou Kyle.

— Parece haver uma casa mais à frente. Talvez possamos pedir ajuda — sugeriu Bella, tentando manter a calma.

Após cerca de quinze minutos caminhando pela estrada escura, avistaram uma fazenda antiga. Notaram luzes acesas na casa principal.

— Uma fazenda? Nada suspeito nisso, claro... — comentou Bella, desconfiada.

— Ah, para com isso. É normal haver fazendas por aqui. Este é um lugar ideal para plantações. Não comece a imaginar coisas. Provavelmente há alguém lá dentro. Vamos pedir ajuda e sair logo daqui — disse Kyle, com um leve tom de apreensão.

Kyle bateu à porta, que se abriu lentamente. Um homem alto, de olhos claros e expressão calma, surgiu. Atrás dele, uma mulher elegante, com os cabelos presos e um sorriso enigmático.

— Boa noite — disse o homem. — Posso ajudar?

— O carro quebrou. Está um pouco mais à frente, e estamos sem sinal. Queríamos saber se há como chamar ajuda... ou se há sinal aqui — explicou Kyle, mantendo certa distância da porta.

— Que pena — respondeu a mulher. — Sou Catherine, este é Vlad. Podem entrar, passar a noite conosco. Amanhã cedo, meu marido as leva até a cidade. Temos um quarto vago.

As duas irmãs se entreolharam.

— Agradecemos, mas... acho melhor ficarmos no carro até amanhecer — respondeu Bella, cautelosa.

— Mas está escuro. Há animais por aqui... É perigoso para duas moças sozinhas na estrada — insistiu Vlad, ainda com gentileza, mas com firmeza na voz.

Kyle então viu algo ao fundo do corredor: uma figura familiar descendo as escadas. Seu coração gelou.

— Annie...? — disse, quase sem voz.

— Olá! — respondeu a garota do posto, com um sorriso leve. — Que coincidência encontrá-las de novo.

— Vocês moram aqui? — perguntou Kyle, dando um passo para trás.

— Sim. Este é meu irmão, Jeffrey — disse ela, apontando para um rapaz que surgiu ao lado da escada, parado, silencioso, fitando as duas intensamente.

— Vamos embora, agora — sussurrou Bella para Kyle.

— Mas e o carro? — questionou Kyle, hesitante.

— A gente dá um jeito, mas não vou entrar nessa casa.

— Tem certeza? Só queremos ajudar... — disse Catherine, ainda sorrindo.

— Temos — respondeu Bella. — Agradecemos pela oferta.

As duas se afastaram da varanda, retornando à estrada. Vlad as observou enquanto caminhavam apressadas, desaparecendo na escuridão. Quando já estavam suficientemente longe, Catherine fechou a porta com calma.

— Elas perceberam — disse Annie, com o sorriso sumindo.

— Não importa — respondeu Vlad, pegando uma lanterna e voltando-se para o filho. — Jeffrey, vá pelos fundos. Elas não irão longe. Prefiro quando elas tentam fugir.

E assim, a família desapareceu na noite, como predadores em seu território.

As duas irmãs seguiram em direção ao carro em silêncio, tentando mudar de assunto. Cerca de quinze minutos depois, chegaram ao carro em segurança. Então, Bella percebeu que Kyle estava visivelmente cansada após dirigir durante toda a noite.

— Por que você não tenta descansar um pouco? Sei o quanto deve estar exausta — sugeriu Bella.

— Acho que você tem razão. Vou tentar dormir um pouco. Me acorde se for necessário — respondeu Kyle, dando um bocejo.

Após Bella concordar, Kyle adormeceu. No entanto, pouco tempo depois, Bella ouviu um grito vindo da floresta. Ela tentou chamar Kyle, mas sem sucesso. Decidida a investigar, pegou o celular, acionou a lanterna e seguiu em direção ao som. De repente, alguém a agarrou por trás e colocou algo em seu nariz e boca, fazendo-a desmaiar.

Dez minutos depois, Kyle acordou e percebeu que Bella não estava mais no carro. Inicialmente, pensou que a irmã saira apenas para tomar um pouco de ar, mas quando ela não retornou, veio o pânico. Não tendo outra opção, decidiu voltar à fazenda e procurar por Bella.

De volta à fazenda, Kyle bateu na porta e foi recebida por Annie, que chamou pela família. Embora se sentisse incomodada, Kyle entrou na casa. Ao ver a grande casa, tentou relaxar, mas não conseguiu se livrar da sensação de desconforto. Catherine, Annie e Jeffrey conduziram Kyle até a cozinha.

— Você deveria tomar um chá. Isso ajudará a acalmá-la — sugeriu Catherine, entregando-lhe uma xícara.

— Acho melhor não — respondeu Kyle, recusando educadamente. — Eu preciso voltar ao carro. Se Bella retornar e eu não estiver lá, ela ficará preocupada.

— Não se preocupe. Meu marido, Vlad, está procurando por ela lá fora. A floresta pode ser perigosa a esta hora, sabe? Não é seguro sair — disse Catherine, segurando a mão de Kyle.

— Não, tudo bem. Eu vou voltar — respondeu Kyle, levantando-se.

Em um movimento rápido, Jeffrey se posicionou atrás de Kyle, amordaçando-a antes de fazê-la desmaiar. Eles a levaram para o porão, onde Bella estava amarrada a uma viga, inconsciente. Após alguns minutos, Bella acordou e viu sua irmã amarrada à sua frente, também desacordada.

— Kyle, acorde! — gritou Bella, tentando despertar a irmã.

— Olha só quem acordou — disse Annie, sentada nas sombras do porão.

— Ah, é você... — rosnou Bella. — O que fez com a Kyle?

— Calma, eu não fiz nada... ainda — respondeu Annie, com um sorriso enigmático.

Vlad e Catherine desceram ao porão. Ele, com uma seringa na mão que acaba no pescoço de Kyle. Depois disso, ele a desamarrou e a levou para fora do porão.

— Para onde vocês estão levando ela? — gritou Bella, desesperada, tentando se soltar.

— Relaxa, querida. A próxima será você. Não precisa ficar tão ansiosa — diz Catherine, com uma voz calma e um sorriso inquietante nos lábios.

Todos saíram do porão, deixando Bella sozinha. Passados vinte minutos, Jeffrey desceu para ver como Bella estava.

— A corda está muito apertada. Você poderia me soltar para ver se alivia essa dor um pouco? — pediu Bella.

Jeffrey ficou em silêncio, observando-a desconfiado.

— Eu não vou fugir. Não tem como eu fazer nada. Afinal, sou uma garota fraca e menor do que você — disse Bella, irritada.

— Ok, vou te soltar com uma condição — respondeu Jeffrey, com um sorriso malicioso. — Se você me der um beijo, eu te solto por alguns minutos.

— Tá bom — concordou Bella sem hesitar, fazendo Jeffrey olhar para ela incrédulo.

Jeffrey desfez as amarras de Bella, que se levantou imediatamente e, apontando para o canto da escada, afir-

mou ter visto uma cobra. Ele se virou por alguns segundos para verificar, o suficiente para Bella pegar uma garrafa e quebrá-la contra sua cabeça. Aproveitando a oportunidade, ela olhou ao redor e encontrou um sinalizador que pensou ser útil e o guardou. Em seguida, revirou os bolsos de Jeffrey, encontrando a chave do porão e subindo rapidamente as escadas. No andar superior, apanhou uma capa e uma adaga que repousavam sobre uma mesa próxima à porta.

Ao sair da casa, deparou-se com seu carro completamente destruído, mas logo avistou uma garagem próxima, parcialmente oculta, onde encontrou uma caminhonete antiga. Sem hesitar, recolheu o que ainda era útil no veículo danificado e levou para a caminhonete. Ouvindo alguém saindo da casa, escondeu-se na escuridão da pequena garagem: era Jeffrey, que acordou e seguiu para a floresta. Bella decidiu segui-lo, mas antes pegou as chaves do carro. Após algum tempo andando, ela encontrou um altar no meio da floresta sobre o qual sua irmã Kyle estava pendurada e cheia de cortes.

— Pai, mãe... Bella fugiu — disse Jeffrey em voz baixa.

— COMO ISSO ACONTECEU? — gritou Vlad, estapeando o filho.

— Eu não sei. Quando cheguei, ela já havia se soltado.

— Merda... — disse Vlad, com raiva. — Ela não vai sair daqui sem a irmã. Ainda deve estar por aqui. Annie, você, sua mãe e eu vamos procurar perto da casa. Jeffrey, você fica aqui. Não estrague tudo novamente. Precisamos dos sacrifícios.

Vlad, Catherine e Annie seguiram pela trilha na floresta, desaparecendo sob a copa das árvores. O silêncio que

ficou para trás era quase sufocante. Bella, aproveitando a distração de Jeffrey, se aproximou silenciosamente. Com um golpe rápido e preciso de um pedaço de madeira que encontrara no chão, acertou-o na parte de trás da cabeça. Ele cambaleou, tentou dizer algo, mas caiu desacordado no chão, com o corpo inerte.

Bella, ao contemplar a adaga em sua mão, cogitou utilizá-la, mas desistiu, não desejando carregar peso em sua consciência. Em seguida, lançou a lâmina ao chão, próximo a Jeffrey, antes de soltar Kyle. Quando as irmãs estavam prestes a adentrar a floresta, Bella avistou um homem alto, envolto por uma capa, imóvel, à distância. Ele nada disse, tampouco fez qualquer movimento, limitando-se a observá-las enquanto ambas atravessavam os limites da mata.

Bella observou Vlad e Catherine próximos à casa, ele com uma espingarda na mão. Discretamente, ela acionou o alarme do carro, fazendo-o apitar. Quando os dois se aproximaram para investigar, Bella, escondida, disparou o sinalizador contra o tanque de combustível, provocando uma explosão repentina. O impacto lançou Vlad e Catherine contra a parede da casa, ambos sem vida. A espingarda voou para os arbustos. Bella correu para verificar os corpos, mas, nesse instante, Annie emergiu silenciosamente da floresta.

— Então, era aqui que você estava — disse.

— Só nos deixe ir, Annie — implorou Bella.

— Se fosse antes, eu até deixaria. Mas sabe... agora tenho assuntos para tratar com você e sua irmã — respondeu ela, exibindo a adaga enquanto olhava para os corpos queimados de seus pais.

— Eu tive que fazer isso. Vocês queriam nos matar!

— Antes, eu ia matar vocês pelo sacrifício. Tudo era pelo bem da vila, mas agora que você matou minha família... agora é por vingança — respondeu ela, correndo em direção a Bella com a adaga.

De repente, o homem da capa surge das sombras e se coloca entre Bella e a lâmina, protegendo-a e recebendo o golpe da adaga no coração. Kyle, cambaleando, surgiu com a espingarda nas mãos e atirou no peito de Annie, fazendo-a cair sem vida no chão. Bella corre até a irmã, levantando-a com esforço e levando-a até o homem, que ainda respira.

— P-pai? O que você está fazendo aqui? — perguntou Bella, confusa.

— Desculpem, minhas filhas, por meter vocês nisso. Eu não tive escolha. A vila precisava dos sacrifícios... — disse o pai, chorando.

— Por que o senhor faria isso com suas próprias filhas? — questionou Bella.

— Eu não sei... Depois do que aconteceu com a sua mãe e a sua avó, eu...

— O que aconteceu com a mamãe e a vovó? — perguntou Bella, em um tom de preocupação.

— Elas faleceram, minhas filhas. Foram acometidas por uma doença há cerca de um ano. Pedi que viessem com urgência para a vila porque não era apenas sua avó que estava doente... sua mãe também havia sido atingida. A vila realizava sacrifícios para que essa enfermidade jamais retornasse — disse o pai, tossindo sangue e fechando os olhos.

— Quando vi vocês, não consegui fazer nada... mas agora estou pagando pelos meus pecados. Eu amo vocês, minhas filhas.

— Pai? Pai? — gritou Bella, em desespero.

— Ele se foi, Bella — disse Kyle, segurando o choro.

Kyle desmaiou em decorrência de seus ferimentos, sendo conduzida por Bella imediatamente ao hospital mais próximo. Após os primeiros atendimentos, os médicos informaram que Kyle encontrava-se fora de perigo, embora sua recuperação exigisse algumas semanas sob observação em razão da gravidade dos ferimentos e da necessidade de cuidados contínuos. Bella tentou relatar às autoridades os acontecimentos ocorridos na fazenda; contudo, ao realizarem a investigação, encontraram apenas a casa vazia, sem qualquer indício que comprovasse sua narrativa. Em virtude do forte abalo emocional, Bella também permaneceu sob observação médica por alguns dias. Após receber alta, passou a visitar Kyle diariamente, acompanhando de perto sua recuperação.

Amar-te-ei

Mell Braga - 1EMBC

Dizem que toda pessoa tem sua alma gêmea selada pelo destino e que juntas compõem um jardim de rosas, nascido do amor puro que emana de suas almas. Mas eu... eu não sei se serei capaz de encontrar essa alma tão rara que me faça compadecer.

Moro sozinho desde os dezoito anos, em uma casa fria e vazia. Mas algo deu forma a ela recentemente. Seu nome era Emily, a moça capaz de apagar a monotonia daquele assoalho sem graça. Seus passos davam vida a cada canto da casa, com um amor abrupto que virou meu mundo de cabeça para baixo.

Cada pedaço seu era um mistério insano. Seu beijo, silencioso, fazia com que me perdesse em nosso próprio desejo.

Ela me amava como ninguém. Conhecia cada parte do meu corpo. Meu reflexo ecoava sobre ela. Nossos gestos se entrelaçavam como se o amor nos comandasse por dentro.

Naquela noite, cheguei em casa e ouvi o som suave ecoando pelos cantos. Entrei carregando em mim um furor doce, a urgência de vê-la. E lá estava ela: a mulher por quem sou louco. Sentada no sofá, livro nas mãos, vinho nos lábios. A imagem da paz... e do caos.

Ela me recebeu com a delicadeza de sempre. Palavras lentas, sonolentas, que carregavam profundos significados. Rimos, bebemos e depois precisei de espaço. Um banho, apenas. Mas Emily me olhou com estranheza frenética, até

me perguntou por que precisava de espaço. “O amor não tem espaço”, disse. Suas palavras, afiadas, cortaram algo dentro de mim.

Brigamos.

Coisa pequena, fútil. Mas suficiente para transformar a noite em silêncio. Cada um para um canto, engolindo mágoas e orgulho.

Já de madrugada, notificações não paravam de surgir no celular dela. Um impulso — só isso. Peguei o aparelho. Abri. E ali… ali meu coração congelou. As mãos trêmulas, a visão turva.

Emily me trai. Enquanto eu saio para trabalhar, ela sai para amar outro.

Como pode alguém me amar tanto… e ainda assim me despedaçar?

As lágrimas caíam, mas não traziam alívio. Uma paixão insana me devorava por dentro. Ainda assim, repito: Emily me ama. Isso não muda porque ela tem outro.

Ela é minha alma gêmea.

Faz parte do meu jardim.

E um jardim precisa de cuidado. De zelo. De proteção contra as pragas que rastejam por entre os caules — sorrateiras, disfarçadas de afeto.

Passei horas contemplando aquele silêncio entre nós. Um silêncio que gritava. Emily dormia, talvez sonhasse. Eu, desperto, observava os contornos do seu rosto sob a luz filtrada pela cortina. Tão serena. Tão alheia àquilo que queimava em mim.

Levantei suavemente em encontro a ela, sentei ao seu lado, ela se moveu e encostou em mim, seus toques me lembravam dor e sofrimento.

"Ah, meu amor, mesmo assim amar-te-ei?..."

Como ato de desespero a beijei, seu beijo tinha o gosto do meu próprio sangue derramado pelos cravos dessa bela rosa.

O dia começava, o sol aparecia e o cheiro do café sobressaía. Bem cedo, saí para trabalhar em busca do sustento do lar.

Ao meio-dia recebo uma ligação, era minha vizinha. Atordoada, ela dizia: "A polícia está em volta de sua casa, Emily está morta". No mesmo momento, congelei e deixei meu celular cair. Aos prantos, corri para casa em busca da minha amada.

Sons de sirenes lutavam por espaço. Me deitei no chão ao lado do corpo de Emily, gritando o porquê disso, por que logo ela?

Desesperado como uma criança, não sabia o que fazer, nada passava pela minha cabeça, meu amor tinha sido levado. A polícia me puxava para sair da cena do crime, mas eu só sabia gritar, nada mais...

A polícia perguntava:

— "O que essa mulher era para você?"

Essa mulher? Ela é o que eu sou. Minha alma gêmea. A flor que floresceu em meu jardim. Nenhuma palavra simples pode descrever meu amor por Emily.

Após horas de gritos, lágrimas e trâmites legais, restou apenas o silêncio cru, sem graça, pesado. Minha alma vagueava, sem resposta para o que acabara de acontecer.

A polícia não sabia quem havia cometido tamanha atrocidade. Sem respostas, amigos e familiares voltaram para suas casas, em luto.

Emily, tão especial, morta... e ninguém sabia o porquê.

Cheguei em casa, carregando o peso do dia. Sozinho. Deitei-me no lado da cama onde Emily costumava dormir. Peguei o vinho que ela tanto amava. Enchi minha taça. Meus pensamentos começaram a vagar... sem rumo.

"Eu apenas a protegi".

Enquanto tirava sua vida, seu rosto refletia nosso amor sombrio e único. Seu grito abafado... era amor.

Eu a matei.

Mas por amor.

O olho mágico

R. Carneiro - 1EMAC

Assim que abro meus olhos, noto: 8h30, o alarme não tocou (tenho certeza que conferi 3 vezes antes de dormir). Tem que dar tempo, eu não posso me atrasar hoje! Que tipo de pai eu seria se, na primeira vez que visse minha filha, me atrasasse?

Salto da cama em direção ao seu quarto. Por mais atrasado que esteja, tenho que garantir que tudo esteja no seu devido lugar. Cheguei tarde do trabalho ontem (foi dia de prova), e por mais ansioso que estivesse por sua chegada, deitei e apaguei na cama (por isso perdi a hora).

No canto do quarto, está sua tiara. Nem o tempo me fez te esquecer, princesa (você faz falta). As lágrimas que escorrem do meu rosto quando eu lembro de você não preencheram o vazio que você causou, mas ela vai.

Sem tempo a perder, tenho que tomar banho! Ainda sonolento, ouço...

3 toques na porta.

Deve ser impressão minha...

3 toques na porta.

Quem tá na porta uma hora dessas? Por que o porteiro deixou a pessoa subir? Essa desgraça vai me fazer perder o tempo que eu nem tenho!

3 toques na porta.

Se acalma, não há motivo para tanto desespero, deve ser a lerda da vizinha. É só mandar a idiota pastar!

A cada passo, o piso de madeira gelado range, seu som arrepiando cada pelo em meu corpo. Por algum motivo des-

conhecido, posso sentir o desespero fluir por minhas veias. Um presságio. Eu gentilmente abro o olho mágico da porta:

Lá está ela, angelical, assim como no dia que me deixou.

Seus cabelos agora escorridos remetem à vida que se esvaiu de seu corpo. Incrível como era igual e ainda assim completamente diferente de como foi. As lágrimas suaves, quase imperceptíveis, escapam de meus olhos.

Faz tempo que não alucino com ela, por que voltou justo hoje? Já não me fez sofrer o suficiente? Eu não vou mais ser enganado! É só uma ilusão. É só uma ilusão. É só uma ilusão. É só uma ilusão.

Minha mente dispersa. Em meus pensamentos, gritava para mim mesmo, mas eu não ouvia. O zumbido estridente. O suor escorrendo por todo meu rosto, a escuridão a cada piscada e então o silêncio... Minha filha! Eu vou buscar ela hoje! Eu não vou mais perder tempo com a Helena, ela não é mais minha filha.

A água fria que escorria por minha pele levava a imundície de minha alma, expondo os pensamentos do meu subconsciente. A única coisa fixa em minha mente eram seus olhos, vazios e estáticos, fixos nos meus. Lembro-me da primeira vez que os vi: estava voltando a pé do trabalho, umas 22h mais ou menos, quando vi duas pimpolhas na rua brincando de amarelinha. Estranhei e disse:

— Cadê seus pais, princesas?

A menina mais alta respondeu:

— Na casa deles, tio — não era verdade. A vizinha da esquina me disse que elas não tinham família e que a terceira irmã delas desapareceu ano passado.

— Ah, entendi. E onde é a casa de vocês? — eu perguntei, ignorando a mentira.

— Mais ali pra cima — ela apontou com o dedão.

— E vocês estão brincando de quê?

— A gente tá brincando de amarelinha, tio. Quer brincar com nós?

Cedi e me perdi enquanto brincava. Esqueci o trabalho no dia seguinte.

Ainda assim, brincar com elas passou a ser rotina, elas eram tão divertidas. Sempre comprava um lanche pra elas em recompensa por alegrarem meus dias infelizes. Um dia, dei a elas um presente especial:

— Mas tio, eu queria a boneca! — disse Lili.

— Eu quero a tiara! Troca comigo? — pediu a outra, com os olhos brilhando. — Ah não, destroca! Essa tiara é feia!

— Trocou porque quis, trouxa! Agora é minha! — disse rindo, com aquele jeito de criança sapeca.

Elas atracaram na boneca, puxavam e brigavam, gritando por todo lado, até a cabeça da boneca rolar e começar o choro das duas (confesso ter rido horrores).

Eu amava estar com elas, mas amaria ainda mais ser pai delas. Então decidi. No dia seguinte as levaria para casa, elas seriam minhas princesas.

Aquela foi a noite mais longa que já tive. Meus olhos ansiavam por fechar, mas minha mente ansiosa mantinha-os abertos. Suava como se corresse uma maratona. Não pude conter a ansiedade, logo pela manhã corri para vê-las. Quase sem fôlego, meio desnorteado, vi as luzes vermelhas e azuis. Elas iluminavam seu rosto, mas não seus olhos mortos. Quando avistei Helena, corri para perguntar:

— Cadê sua irmã, princesa? — acho que ela nem me ouviu. Me ajoelhei como se implorasse por uma resposta e perguntei novamente: — Helena, onde está sua irmã?

— Morta — senti como se uma estaca tivesse sido enfiada e arrancada em meu peito, levando consigo todo o meu interior, restando apenas uma caixa oca. Ela continuou:

— Jura, juradinho, guardar segredo, tio? — Helena me olhou tal qual uma pequena criança assustada, mesmo que não houvesse sentido nisso.

Mesmo com o zumbido incessante e sem ter entendido direito o que ela acabava de dizer, acenei a cabeça em consentimento.

— Eu matei ela.

— Quê?

— Ela não queria me dar a tiara, aí eu fiquei com raiva, né — ela falava como se tivesse a empurrado na calçada, como já a havia visto fazer tantas vezes. — Aí eu enforquei ela. Ela tossiu que só e morreu. Mas eu fiquei com a tiara. Legal né!

Era insano demais processar aquilo. A Helena... a Helena não faria isso... Cambaleei até o policial, que inesperadamente disse:

— A menina foi morta por um adulto, o pescoço dela quebrou de tanta força que a pessoa fez. Esse mundo é cruel, amigo. Ainda pior, essa já é a terceira menina que é encontrada assim. Cuidado com tua filha, chefe!

Não importava o que acontecesse, eu iria cuidar da Helena. Eu não iria deixar que tirassem outra filha de mim. Eu tinha que protegê-la.

Saindo do banho eu olho o relógio, restam 9 minutos.

3 toques na porta.

Eu tenho que esquecer ela... isso não é real!

3 toques na porta.

NÃO É REAL!NÃO É REAL!NÃO É REAL!NÃO É REAL!NÃO É REAL!NÃO É ELA!

3 toques na porta.

Eu só queria poder amar minha filha, dedicar minha vida para amá-la. Eu viveria por ela e tão somente viveria para ela. Eu dependia dela e ela dependia de mim. Nas noites depois da escola, seus cabelos, sempre bagunçados (era seu charme) brilhavam em dourado enquanto eu cuidadosamente os penteava (era o único momento em que ela não estava saltitante pelo meu pequeno apartamento). Lembro-me de todas as suas histórias, somente nós. Eu, o rei, Helena, a princesa. Fazíamos a noite das garotas, onde comíamos doces e fofocávamos sobre suas amigas. Eu não podia estar mais feliz.

Então, achei debaixo da sua cama cabeças de pombo, ratos e pequenos mamíferos mortos. Crianças fazem isso mesmo, não é? É só uma fase, vai passar! Lá no fundo eu sabia que estava mentindo pra mim mesmo, mas Helena não faria nada verdadeiramente mau. E então ela fez... por que você me traiu, Helena?

Eu nunca mais vou deixar isso se repetir. Ao olhar para o corredor, sinto sua presença sussurrar em meus ouvidos: abra. O lugar, antes seu, agora será ocupado por outra, e Helena, você não vai me impedir. Helena, de todas, você foi a que mais amei. A que pensei que não conseguiria viver sem, mas eu vou conseguir. Helena, eu vou te esquecer!

Olho o relógio, 3 minutos. Eu preciso correr...

3 toques na porta.

Eu preciso sair. Eu não posso sair. Helena...

3 toques na porta.

Eu não pude aguentar tamanha traição, essas maldades que ela fazia e que não eram apenas uma... fase. Tive que dar um fim nela. Mas Helena foi a única que eu amei. Ela seria especial, a abracei até que em seus pulmões houvesse somente o meu amor e nada mais. Eu não deixaria ela me abandonar sem dar adeus ao seu pai.

3 toques na porta.

Caído no chão gelado, eu ouvi o seu chamado. O olho mágico mostra a minha filha. Ela voltou do outro lado para me buscar. Finalmente de volta a seus braços, sem pecados. Finalmente eu serei amado.

3 toques na porta.

Eu me arrastava em sua direção, ela era a única filha que eu precisava, a única que eu amava. Tudo ao meu redor girava, piscava, corria e se transformava. Minhas lágrimas incessantes gritavam seu nome. Era hora de seu pai voltar para casa.

Assim que senti o gélido da maçaneta, o pacto já estava selado. Todos os meus mínimos sentidos foram tomados por uma onda de calamidade. Era um presságio. Ao abrir a porta por completo, o vazio me encarava, fiquei surpreso e por um segundo aliviado. Então eu me volto para trás fechando a porta. Agora era tarde demais, aquela coisa já havia entrado e não iria mais sair, em seu olhar perfurante havia o meu destino.

Aquela não era minha filha.

A verdade que ninguém vê

Samuel Davi Melo Tavares - 1EMBB

Já faz dois anos que o mundo mergulhou na escuridão.

Não teve aviso, não teve explicações. Numa manhã qualquer de terça-feira, todos tiveram a visão tomada como se nem mesmo um dia tivesse sido concedida.

Claro, o impacto foi grande, mas a humanidade nunca realmente parou. Aprenderam a depender apenas do cheiro, do toque, do som. Inventaram métodos para facilitar a vida às cegas.

Eu cresci em meio a essa espécie de mundo novo. Assim como todos os outros, adaptei-me a esses novos hábitos e segui em frente.

Contudo, noutra manhã considerada qualquer, algo me surpreendeu.

Alguma sensação estranha penetrava minhas pálpebras e provocava meus olhos da mesma forma que o quebrar de folhas secas interrompe o silêncio de um cemitério abandonado.

A princípio, pensei que estava sonhando. Pisquei uma, duas vezes. Pesadas de um sono mal dormido, minhas pálpebras resistiam à minha força facial.

Ainda que eu tivesse piscado, aquele incômodo ainda batia à porta de meu rosto e ardia-me os olhos feito brasa viva. Era como se os olhos que permaneceram adormecidos por dois anos estivessem ali, finalmente protestando contra a luz.

Luz?

Impossível.

Mas era fato que ela estava ali, cruzando as frestas da persiana de meu quarto e lançando um feixe ardente sobre o piso do cômodo.

Sentei-me na cama e deixei escapar um sussurro, quase inaudível até mesmo para mim:

— Eu posso... ver?

Meu coração batia forte.

Foi então que eu vi.

Frases pintadas em preto, cobrindo todas as paredes, teto e chão do meu quarto.

"NÃO DEIXE QUE ELES SAIBAM QUE VOCÊ PODE VER".

Eu poderia afirmar que aquilo tudo foi feito às pressas, e a tinta parecia tão fresca que poderia ter sido usada ainda naquela noite.

Apesar disso tudo, eu podia afirmar uma única coisa: aquelas letras, eu não as havia escrito.

Levantei-me calmamente e fiz minha rotina diária de apalpar as paredes até chegar à porta, cuidando para que minha atitude fosse a mais convincente possível.

Se a pessoa que escreveu aquilo estiver falando a verdade, neste mundo obscuro, ver não é uma benção.

É uma sentença.

— Calebe? — ouço uma dócil voz vinda do andar de baixo de onde eu estava. — Já acordado?

Era minha mãe. Imediatamente, inúmeras perguntas sobre como ela ficou depois de dois anos invadiram minha mente.

Mas... como ela sabe que acordei? Ouviu meu sussurro?

Não, deve ter sido os estalos da cama quando eu me levantei. Minha melhor amiga desde minha juventude já estava precisando de algum amparo.

— Já, sim, mãe!

Falo num tom moderado, visto que o silêncio que ecoava pela casa não resistiria à minha tentativa de comunicação.

— Perfeito. Estava esperando você acordar. Vá comprar o café da manhã. Da última vez que tentei ir, me perdi no meio do caminho. Você tem aquela sua boa memória.

— Mas eu acabei de acordar!

— Vá logo. Não esqueça da bengala.

Suspirei, mas assenti. Tateando as paredes de maneira convincente, cruzei o caminho que dá pela porta do meu quarto até a porta da casa, descendo as escadas.

Nos degraus, percebo todos os detalhes que me passaram despercebidos pela minha ausência de visão. Pisando no firme solo, viro-me à direita e ouço o som de um rádio.

É quando eu percebo a presença da mulher que se direcionou a mim a alguns instantes. Sentada à mesa, a mulher lentamente vira-se para mim.

Com o rosto voltado em minha direção, percebo os olhos pálidos que visam o horizonte sem um alvo específico.

Encaro-a por alguns breves momentos. Além dos olhos brancos, não era tão diferente da mãe que eu tinha há dois anos. Possuía apenas um cabelo maior que o normal e rugas descuidadas em seu rosto.

— E então? O que está esperando?

— Ah, claro. Estava procurando a maçaneta.

Não era a melhor desculpa, mas cada um luta com o que tem.

Atravessando o batente daquela porta, primeiramente enfrento o desafio que não encarava há dois anos: a luz solar. O descostume com aquela adversidade era algo inevitável.

Depois de passar por isso, finalmente encaro um cenário completamente novo. O ambiente que, há um dia, poderia chamar de calmo, assemelhava-se mais a um cenário pós-apocalíptico.

O mundo parecia estar mais sem cor que o de dois anos atrás. A grama do meu quintal, que antes era verde, agora foi consumida por um amarelo morto.

Para não parecer suspeito a quem quer que aquela mensagem considere como "ELES", continuo minha jornada, batendo a bengala no chão como sempre fiz.

As pessoas pela rua não apenas tateiam paredes ou se orientam com bengalas. Costumam conversar umas com as outras. Não apenas por gentileza, mas para ter uma noção mais ampla do espaço ao redor por meio da vibração sonora.

Enquanto passo pela vizinhança dando bom dia a todos por quem passo, finalmente avisto o mercado ao qual me dirijo.

O mercado do seu Silas.

Seu Silas é um amigo de longa data meu. Não apenas por ser o dono da mercearia mais influente da vizinhança, mas por ser ótimo de bate-papo e um dos meus maiores amigos antes de toda essa escuridão.

A curiosidade de saber como ele está hoje me obriga a acelerar os passos que, para qualquer outra pessoa além de mim, já poderiam ser arriscados.

Entusiasmado, empurrei a porta e o sininho tocou.

— Calebe! Tão cedo por aqui?

Abri minha boca, mas a voz não saiu.

O que eu esperava estar na minha frente era algo totalmente diferente.

Aquele não era o Silas que eu conhecia.

Não, não era.

Era... alto demais. Seu pescoço fazia um ângulo antinatural que poderia ser confundido com o de um animal quebrado. A pele parecia com uma roupa desgastada que foi sujeita a diversas costuras com todo o tipo de linha. Sua boca… espera, aquilo era realmente a sua boca?!

Meu estômago revirou.

Seus olhos... não, eu não os podia encarar.

Não podia deixar que ELES soubessem que eu podia enxergar.

— Que foi, Calebe? Viu alguma coisa? Haha.

Sua voz não era diferente da voz do Silas de dois anos atrás. Então, quem era essa... criatura?

Para não levantar ainda mais suspeitas, omiti minha vontade intensa de vomitar e dei uma resposta.

— Essa foi boa, Silas. Me vê o de sempre.

— Sim senhor, patrão.

Então, aquela criatura se vira para apanhar os pães que eu pedi.

Aproveito o momento para respirar. Ao apalpar as paredes, caminho até a prateleira dos perecíveis para comprar algumas frutas.

Era essa criatura a quem a mensagem se referia?

O que ela havia feito com o meu amigo Silas?

Essas e muitas outras dúvidas sobrecarregam minha mente.

É aí que, quando eu pensava que não poderia piorar, acabo vendo além da prateleira de frutas e me deparo com as embalagens das guarnições clássicas do almoço, como arroz e feijão.

Acontecia que aqueles não eram o arroz e o feijão que eu conhecia.

O arroz tinha uma textura negra, com alguns detalhes avermelhados, e sua embalagem não tinha nem mesmo um nome específico. A menos que eu tenha esquecido o que era a cor branca, aquilo com certeza não era branco. O feijão não era tão diferente dessa descrição, também.

Naquele momento, senti uma gota fria de suor deslizar pelo meu pescoço. Eu poderia afirmar que eu nunca antes tremi do jeito que estava tremendo ali se não fosse de frio.

— Estão aqui os seus pães, Calebe.

Virei para trás, levando na mão uma maçã que, embora aparentasse pura, até da integridade dessa eu duvidava.

— Claro.

Apanhei a sacola de pães, mas antes que eu pudesse segurá-las firmemente, percebi que até mesmo aqueles pães não eram os mesmos que eu comia há dois anos.

Olhando o conteúdo da sacola de canto, percebo que os pães são uma mistura de marrom com detalhes negros que se assemelham a fungos.

Não, é impossível eu ter comido essas... coisas todo dia por dois anos.

Apenas imaginar isso me faz, involuntariamente, largar os pães, ou seja lá que alimento for esse, no chão.

Agachando-me para apanhá-los, eu ouço a voz que me assombra.

— Precisa de ajuda aí, cara?

Por reflexo, eu olhei para cima.

E esse foi o pequeno deslize que me custou caro.

Meus olhos traíram minha alma, e eu os encontrei.

Os olhos que eu estive tentando evitar pelos últimos longos minutos.

Eu pude ver. No lugar de onde deveriam estar seus olhos, estavam buracos vazios que passavam uma angústia inigualável.

— Ah... então é assim.

Ele se aproxima. Quanto mais perto nossos olhos estão, mais além da carne eu vejo. Eu enxergo aquilo que morava no escuro, o vazio além da racionalidade humana.

— Você foi bem, Calebe. Infelizmente, não posso te obrigar a fechar os olhos. Já está além do meu alcance.

Eu pude sentir as garras afiadas encostando em minha garganta, mas não havia dor. A criatura não tentava me ferir.

— Neste mundo, não é a cegueira que protege a humanidade — o vazio à frente de meus olhos é tal que eu

nem mais consigo distingui-lo da penumbra que eu testemunhava quando cego. — É a ignorância.

Então, a última coisa que pude sentir foi a dor de suas garras abrindo minhas pálpebras como quem abre um presente de aniversário.

Não a dor física.

A dor psicológica.

A dor do conhecimento. A dor de ter visto além do que eu deveria.

E então, a escuridão novamente me consume.

A verdade nem sempre deve ser vista. Não para impedir, mas para proteger.

O fim das lembranças

Suzen Gabrielly Paiva Cleto - 1EMAB

No dia 30 de maio de 2009, a graciosa jovem Ana completa seus 15 anos de idade e, sem pensar duas vezes, sua avó Kátia começa a preparar uma festa surpresa enquanto ela está na escola. Sempre foi desse jeito: com o pouco que as duas tinham, elas eram felizes com as pequenas coisas, como uma simples festa de aniversário no fim da tarde.

Ana chega em sua casa por volta das 17:30 e se depara com um bolo, alguns aperitivos e seus amigos ao redor da mesa, que alegremente foi ornamentada por Kátia. Nesse momento, várias emoções tomaram conta de Ana, que disse a si que ninguém poderia ser mais sortuda que ela.

E de forma bem peculiar, um filme da sua infância passa por sua cabeça. Como se fosse um flashback, ela relembra do que viveu ao lado de sua avó, como o dia que Kátia arrancou o primeiro dente dela, o dia que ela ensinou Ana a andar de bicicleta, o dia em que caiu de patinete... e tantos outros dias que ela pôde viver ao lado do único amor que perpetuava nas artérias do seu coração.

Mas Ana rapidamente se sentiu confusa e só se perguntava uma coisa:

— Porque eu sinto que essas lembranças são uma despedida? Como posso me sentir tão feliz e estranhamente triste ao mesmo tempo?

Meio confusa, ela tenta esquecer esse sentimento de melancolia e aproveita sua festa ao máximo ao lado de sua avó, que está tão realizada por ver sua neta alcançar o auge da juventude. Ela está tão maravilhada quanto Ana.

No dia seguinte, Ana, com preguiça, não levanta da cama de imediato e repentinamente aquele sentimento de melancolia volta com mais intensidade, atormentando-a tanto que ela sente seu coração apertar de tal modo que tem a sensação que não vai conseguir respirar a menos que levante da cama. Ao fazê-lo, começa a ouvir gritos desesperadores de sua avó lá da cozinha:

— Ana! Ana! Por favor, liga pra Emergência!!!

Logo, um silêncio angustiante ecoa. Ana corre para ver o que está acontecendo e, quando chega na cozinha, vê sua avó agonizando no chão, destruída por dentro. Ana tenta salvá-lá, mas já era tarde demais. Kátia acaba de sofrer um infarto e o que no dia anterior era festa, agora é luto com extrema culpa...

O velório ocorreu na madrugada e, mesmo anestesiada pela dor, a ficha de Ana caiu: seu mundo todo parou de respirar. Assim, é possível visualizar duas pessoas morrendo, mas o coração de apenas uma parou de bater...

Agora sem sonhos, expectativas ou esperanças, Ana é mandada para um orfanato — já que só tinha sua avó —, e ali se deita e derrama lágrimas de sofrimento por várias horas seguidas. Vendo que não adianta sofrer, pois a vida dela já está devastada, não importando o que fizesse, Ana, que era uma jovem extrovertida, já não se reconhece. Aos 15 anos, é difícil lidar com o peso da morte sozinha.

Dez noites se passam depois da morte de Kátia, e Ana não conseguiu fechar os olhos sem lembrar do sorriso cativante da sua avó. Por uns momentos, ela fugia da realidade, mas sem demora, a ausência de Kátia a matava por dentro várias e várias vezes. Ana então questiona se ainda há uma

razão para viver, mas seu coração lhe fala que não, nunca mais viveria uma vida normal, sem dor, feliz. Sempre o vazio iria voltar e esse processo seria infinito.

Cansada de tudo, Ana espera todos do orfanato dormirem e discretamente sobe no ponto mais alto do edifício para observar as estrelas na esperança de ficar melhor, mas aquele maldito coração que batia a induzia a se jogar lá de cima:

— Maldito coração, você tá certo. Não posso viver mais sem ela aqui comigo...

Ana está certa de que, ao se jogar, tudo iria passar. Naquela hora, ela só escuta o som dos seus batimentos cardíacos. Tudo em sua volta não passa de mera poeira cósmica.

Livre, ela se atira das maiores alturas e, enfim, volta à vida.

Silêncio na Rua de Terra

Weslley Marques Maia - 1EMAD

Lá no meio da quebrada, onde os becos são apertados e a poeira nunca abaixa, morava Dona Maria. Mulher forte, dessas que a vida bate, mas que nunca cai de vez. Mãe de dois meninos: João, o mais velho, de 14 anos, e Lucas, o caçula, de apenas 7. Vivia com eles numa casinha simples de dois cômodos, com paredes de tijolo aparente e um telhado que fazia barulho até com garoa.

A rotina era puxada. Todo dia ela acordava antes do sol nascer. A vizinhança ainda dormia quando ela já estava de pé, esquentando água no fogão à lenha improvisado. Às vezes, nem tinha o que colocar na panela. Só água e sal. Mas, mesmo assim, ela fazia render. A missão era sempre a mesma: alimentar os filhos e garantir que fossem pra escola.

Lucas ainda era pequeno e achava que o mundo era simples como seus desenhos de carvão no chão. Já João começava a entender que a vida ali era dura, perigosa, injusta. Mesmo assim, era um menino bom, estudioso, daqueles que ajudam os colegas e seguram a barra junto com a mãe.

Dona Maria ganhava a vida catando latinhas, plásticos, papelão — o que desse. Saía com seu carrinho improvisado e varria as ruas do bairro. Às vezes, caminhava por horas debaixo do sol ou da chuva, com o estômago vazio, mas o pensamento cheio: "Será que meus filhos vão comer hoje?".

Essa pergunta era um fantasma que a acompanhava o tempo todo. Mesmo quando conseguia alguma coisa, a preocupação nunca ia embora. Porque na quebrada, tudo é

no limite. Hoje tem, amanhã pode não ter. E ela sabia disso como ninguém.

Apesar de tudo, nunca reclamava. Era respeitada por todos ali. Já tinha socorrido vizinho doente, dividido o pouco que tinha com mãe sem leite pro filho e dado conselhos a meninas perdidas. Até os "meninos do corre" — aqueles que trabalhavam pro tráfico — abaixavam a cabeça quando ela passava. Alguns deles tinham crescido com João e Lucas.

Naquele dia, o calor tava insuportável. O chão parecia ferver. Dona Maria chegou em casa no fim da tarde, com as mãos cheias de calo e os pés doendo. Trazia uma sacola com algumas sobras da feira e umas moedinhas que tinha juntado. Preparou um arroz com cebola e umas folhas de couve que tinha ganhado. O cheiro, mesmo simples, enchia a casa de esperança.

Lucas tava desenhando no chão, suado, mas tranquilo. João ainda não tinha voltado da escola. Eram quase 17h. Dona Maria ajeitou a mesa e olhou pela janela. O céu começava a mudar. Um vento estranho passava entre as casas.

De repente, o silêncio foi quebrado por gritos e motos acelerando. Depois, os tiros.

PÁ! PÁ! PÁ!

Foram vários. Tiros secos, rápidos, assustadores.

Ela correu até a porta e gritou:

— Lucas, pra dentro! Agora!

O menino correu e ela trancou a porta na mesma hora. Se jogou no chão com ele e o abraçou forte. O coração batia tão alto que parecia que ia sair pela boca. O barulho dos tiros parou depois de alguns minutos, mas o medo ficou.

Lucas olhou pra mãe, os olhos arregalados:

— Mãe... o João ainda não chegou.

Foi aí que o medo dela virou desespero. João nunca se atrasava. O colégio era perto, três ruas dali. Sentiu o sangue gelar. Levantou de um pulo, mandou Lucas ficar quieto dentro de casa e saiu.

Andou rápido pelas vielas. Viu vizinhos na calçada, todos em silêncio, com os olhos arregalados. A cena do crime estava ali: um grupo de gente parado na esquina, cochichando. No chão, perto do muro, um corpo coberto com um lençol branco e sujo de sangue.

Dona Maria começou a andar devagar. Cada passo pesava como se carregasse o mundo nas costas.

— Não... não... Deus, não deixa ser meu filho...

Chegou perto, empurrou as pessoas. Quando levantou o lençol, o tempo parou.

Era João.

O filho dela. O menino que ela criou com tanto esforço, com tanto amor, com tanto medo. Estava ali, estirado no chão, com a mochila ainda nas costas e o caderno na mão. Tinha levado uma bala perdida. Estava voltando da escola. Não teve nem chance de correr.

Dona Maria caiu de joelhos. O choro não veio com grito. Veio como um lamento abafado, um soluço preso na garganta, como se o mundo tivesse desabado dentro dela. As pessoas ao redor choravam junto. Ninguém sabia o que dizer.

Ela passou a noite acordada, abraçada ao travesseiro de João, olhando o teto. Lá fora, a quebrada continuava. Com seus becos escuros, suas motos correndo, seus tiros de vez em quando. Mas dentro dela, tudo tinha parado.

Na manhã seguinte, o arroz ainda estava na panela. Lucas dormia no colchão ao lado. Dona Maria, sentada à mesa, olhava pro nada.

E no fundo do peito, aquela pergunta que nunca mais seria a mesma:

"Será que meus filhos vão comer amanhã"?

Este livro foi produzido e impresso em outubro de 2025.
Capa e miodo elaorados pela Fundação Matias Machline.

FUNDAÇÃO
MATIAS
MACHLINE

JOVEM
ESCRITOR